

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Giulha Deon Ferrarese

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO ALTERNATIVA À  
MEDICALIZAÇÃO, EM SITUAÇÕES DE ADOECIMENTO, POR  
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE**

Santa Maria, RS  
2023

Giulha Deon Ferrarese

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO ALTERNATIVA À MEDICALIZAÇÃO, EM SITUAÇÕES DE ADOECIMENTO, POR ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Luiza Ferrer

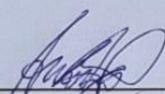
Santa Maria, RS  
2023

Giulha Deon Ferrarese

**USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO ALTERNATIVA À MEDICALIZAÇÃO, EM SITUAÇÕES DE ADOECIMENTO, POR ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE**

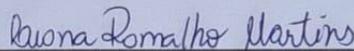
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

Aprovado em 08 de fevereiro de 2023:



---

**Ana Luiza Ferrer, Dr<sup>a</sup>. (UFSM)**  
(Orientadora)



---

**Luana Ramalho Martins, M<sup>a</sup>. (UFSM)**  
(Avaliadora)

Santa Maria, RS  
2023

*Dedico este trabalho a quem me deu  
a vida e não pode vivê-la comigo,  
mas que sempre esteve ao meu lado.*

## AGRADECIMENTOS

Durante a elaboração desta pesquisa, muitas pessoas se fizeram presentes e foram essenciais. Agradeço, desse modo, à minha família, principalmente às mulheres. Essencialmente à minha avó, Julieta Catarina Caletti Deon, pois desde cedo tive a sua força como inspiração e, sem isso, as conquistas da vida não seriam possíveis.

Agradeço à minha irmã, por ter despertado em mim o interesse sobre as plantas.

À Aline e à Catarina por sempre acreditarem em mim.

À minha irmã do coração, Lara, pelos incentivos, conselhos e mates reflexivos.

Ao Caio pelo apoio, paciência e, principalmente, pelo amor ao longo dessa trajetória, sempre acreditando na minha capacidade de conseguir.

Aos meus tios e dindos, Rodrigo e Rubia, agradeço pelo amor incondicional.

À professora Ana Luiza Ferrer agradeço por ter abraçado a temática da pesquisa. Por ter me orientado de forma verdadeira, motivando-me nas horas desafiadoras e contribuindo para a minha formação profissional e pessoal.

Agradeço também às colegas da turma 16, que foram companheiras e estiveram comigo, mesmo que de forma remota. Da mesma forma, às colegas que me acolheram ao longo da graduação.

À Hakuna Matata pelas mordidinhas nas pernas, companhias nas noites em claro, brincadeiras e risadas nas horas de descanso.

À minha terapeuta, que me auxiliou a quebrar ciclos e superar barreiras.

Aos participantes pelo interesse e tempo disponibilizado.

A todos que, de alguma maneira, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Por fim, como em todo processo é preciso primeiro ter a si mesmo, agradeço a mim, por ter tornado essa trajetória possível.

## RESUMO

### USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO ALTERNATIVA À MEDICALIZAÇÃO, EM SITUAÇÕES DE ADOECIMENTO, POR ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE

AUTORA: Giulha Deon Ferrarese  
ORIENTADORA: Ana Luiza Ferrer

As plantas são importantes componentes da biodiversidade, tanto em florestas quanto em áreas urbanas, cujo uso pode amenizar ou curar sintomas de doenças, sendo essa aplicabilidade uma das formas mais antigas de prática medicinal da humanidade. Porém, devido ao grande consumo e à facilidade de acesso a determinados medicamentos, o uso de medicamentos sem prescrição médica se torna cada vez mais banal. Sendo, inclusive, impulsionado pelas constantes propagandas em mídias sociais que, aliadas ao fácil acesso em farmácias, estimulam o uso indiscriminado de medicamentos. Diante disso, a Organização Mundial da Saúde vem fomentando o uso de medicinas tradicionais, compreendendo práticas e conhecimentos que incorporam medicinas baseadas em plantas para a manutenção do bem-estar, tratamento, diagnóstico e prevenção de doenças. Dessa maneira, esta pesquisa buscou compreender o estado do conhecimento de acadêmicos de cursos da área de saúde, da Universidade Federal de Santa Maria, com o objetivo de avaliar o conhecimento desses estudantes sobre o uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização em situações de adoecimento. Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa. Para a coleta de informações, realizou-se entrevistas semiestruturadas com os discentes. Os resultados mostram que a maioria dos alunos utiliza plantas medicinais, obtendo o conhecimento sobre suas aplicabilidades principalmente através de familiares. Percebe-se, ainda, que as plantas mais utilizadas são: camomila, boldo, cidreira, alecrim, marcela, erva-doce, limão e guaco, sendo consumidas a partir de chás e em situações de adoecimento. Além disso, evidenciou-se que os cursos da área da saúde não abordam a presente temática – que é considerada muito importante para os discentes – em disciplinas obrigatórias. Os estudantes alegam que o estudo da medicina tradicional, no ambiente acadêmico, contribuiria, de forma benéfica, para a futura prática profissional, assim como influenciaria diretamente o uso individual de plantas medicinais. Nesse contexto, a produção de um material bibliográfico, em formato de cartilha, que apresente as principais espécies de plantas medicinais e os seus usos aplicados, pode auxiliar os estudantes em situações de adoecimento, sendo essa uma alternativa à automedicação e uma maneira de divulgar tais conhecimentos populares. Assim sendo, espera-se que essa pesquisa contribua para discussões e reflexões, elucidando possíveis lacunas de conhecimento e fomentando novas pesquisas acerca do assunto.

**Palavras-chave:** Bem-estar. Conhecimento Tradicional. Saúde Pública.

## ABSTRACT

### USE OF MEDICINAL PLANTS AS AN ALTERNATIVE TO MEDICALIZATION, IN SITUATIONS OF ILLNESS, BY UNDERGRADUATE HEALTH STUDENTS

AUTHOR: Giulha Deon Ferrarese

ADVISOR: Ana Luiza Ferrer

Plants are important components of biodiversity, both in forests and in urban areas, whose use can soften or cure disease symptoms, and this applicability is one of the oldest forms of medicinal practice in humanity. However, due to the great consumption and ease of access to certain medications, the use of medicines without medical prescription becomes increasingly banal. Being driven by constant advertisements on social media and allied to easy access in pharmacies, stimulating the indiscriminate use of medicines. Therefore, the World Health Organization has been promoting the use of traditional medicines, comprising practices and knowledge that incorporate plant-based medicines for the maintenance of well-being, treatment, diagnosis and prevention of diseases. In view of the above, this research sought to understand the state of knowledge of undergraduate health students at the Federal University of Santa Maria, with the objective of evaluating the knowledge of higher education students about the use of medicinal plants as an alternative to medicalization in situations of illness. This is a descriptive and exploratory research, with a qualitative approach. To collect information, semi-structured interviews were conducted with the students. The results show that most students use medicinal plants, obtaining knowledge about their applicability mainly with family members. It is noticed that the most used plants are chamomile, billet, lemon balm, rosemary, marcela, fennel, lemon and guaco, being consumed from teas in situations of lives linked to illness. In addition, it was evidenced that the courses do not address the theme in compulsory subjects, which is considered very important for students. They claim that the study of traditional medicine would contribute beneficially to their future professional practice, in the same way directly influences their individual use of medicinal plants. In this context, the production of a bibliographic material, in booklet format that presents the main species of medicinal plants and their applied uses, can help students in a situation of illness, which is an alternative to self-medication. It is expected that this research will contribute to discussions and reflections, elucidating possible gaps of knowledge, fostering new research on the subject. Keywords: Well-being. Traditional Knowledge. Public health.

**Keywords:** Well-being. Traditional Knowledge. Public health.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da Cartilha.....	36
Figura 2 – Introdução da Cartilha.....	37
Figura 3 – Apresentação da autora.....	38
Figura 4 – Sobre as plantas medicinais.....	39
Figura 5 – Sobre as plantas medicinais.....	40
Figura 6 – Uso seguro.....	41
Figura 7 – Uso seguro.....	42
Figura 8 – Principais formas de consumo.....	43
Figura 9 – Principais formas de consumo.....	44
Figura 10 – Principais formas de consumo.....	45
Figura 11 – Coleta da planta.....	46
Figura 12 – Boldo/propriedades.....	47
Figura 13 – Camomila/propriedades.....	48
Figura 14 – Carqueja/propriedades.....	49
Figura 15 – Malva/propriedades.....	50
Figura 16 – Marcela/propriedades.....	51
Figura 17 – Guaco/propriedades.....	52
Figura 18 – Maracujá/propriedades.....	53
Figura 19 – Pitangueira/propriedades.....	54
Figura 20 – Lembrete da Cartilha.....	55
Figura 21 – Referências bibliográficas da Cartilha.....	56
Figura 22 – Referências da Cartilha.....	57

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa.....	21
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CAE	Coordenadoria de Ações Educacionais
COVID-19	Doença causada pelo novo Coronavírus
DCG	Disciplina Complementar de Graduação
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
HUSM	Hospital Universitário de Santa Maria
OMS	Organização Mundial da Saúde
PRAE	Pró Reitoria de Assuntos Estudantis
PICS	Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
SATIE	Setor de Atenção Integral ao Estudante
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TC	Termo de Confidencialidade
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
RS	Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b>	15
<b>3 METODOLOGIA</b>	19
3.1 Desenho de estudo	19
3.2 Campo de estudo	19
3.3 Sujeitos da pesquisa	20
3.4 Coleta e análise de dados	22
3.5 Considerações éticas	23
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	25
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	58
<b>REFERÊNCIAS</b>	59
<b>APÊNDICES</b>	65
<b>ANEXOS</b>	67
<b>ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>	67
<b>ANEXO B– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)...</b>	<b>71</b>
<b>ANEXO C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE.....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXO D – MODELO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL CCS UFSM/AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....</b>	<b>73</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O uso de plantas, especialmente como medicamentos e alimentos, sempre esteve presente na vida do ser humano. As plantas constituem um dos principais recursos medicamentosos disponíveis na natureza, podendo amenizar ou até mesmo curar sintomas de doenças, sendo essa uma das formas mais antigas da prática medicinal na humanidade (PASA, 2011). Desse modo, a utilização das plantas se torna extremamente importante, uma vez que, de acordo com Rodrigues et al. (2002), aproximadamente 80% da população mundial depende da medicina popular.

Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimula o uso da medicina tradicional, compreendendo práticas, enfoques, conhecimentos populares e crenças diversas que incorporam medicinas baseadas em plantas, animais, minerais, terapias espirituais, técnicas manuais e exercícios aplicados de forma individual ou conjunta para a manutenção do bem-estar, assim como para tratamento, diagnóstico e prevenção de doenças (OMS, 2002). No Brasil, por exemplo, o Ministério da Saúde aprovou a Política Nacional de Assistência Farmacêutica, a qual contempla, em seus eixos estratégicos, a definição de ações que visem a utilização das plantas medicinais e de medicamentos fitoterápicos no processo de atenção à saúde, com respeito aos conhecimentos tradicionais incorporados (BRASIL, 2006).

Além disso, diversos estudos sobre essa temática foram desenvolvidos em diferentes áreas, na última década, destacando-se os trabalhos de Cunha e Almeida (2002) na região Norte, os quais relacionaram as práticas e os conhecimentos das populações do alto Juruá por meio de uma enciclopédia. Já na região Centro-Oeste, destaca-se o estudo de Neto (2006) sobre o conhecimento tradicional de comunidades pantaneiras, e o de Garlet (2019), que descreve as plantas medicinais nativas da região Sul e os seus usos populares no Rio Grande do Sul.

Contudo, apesar do vasto conhecimento associado às plantas medicinais, à medida que o acesso ao consumo foi convertido a níveis satisfatórios de bem-estar social, o uso de medicamentos para o conforto se tornou banal (VILARINO et al., 1998). Ainda, as constantes propagandas nas mídias sociais e principalmente na mídia televisiva – que divulga soluções rápidas para alívio dos incômodos, estimulando o uso indiscriminado de medicamentos –, somadas à facilidade de acesso aos medicamentos nas farmácias que, muitas vezes, mascaram os riscos do consumo não moderado, expõem os consumidores a reações indesejadas.

Nesse sentido, os analgésicos são um exemplo para as possíveis consequências da automedicação, pois eles geralmente têm seus efeitos colaterais subestimados por quem os consome, podendo indiretamente selecionar bactérias resistentes, causar dependência, reações alérgicas, hipersensibilidade e principalmente mascarar a doença originária que, por sua vez, pode evoluir (VILARINO et al., 1998). Ainda, de acordo com Barata (2010), aproximadamente 20 mil pessoas, vítimas da automedicação, morrem no país. Assim sendo, a automedicação pode ser prejudicial à saúde, de forma geral, a longo prazo (VILARINO et al., 1998).

Do mesmo modo, fica nítido que ter o conhecimento sobre essas plantas não garante a continuidade desses saberes que, muitas vezes, estão associados às pessoas mais humildes ou idosas. Com isso, tais conhecimentos são frequentemente substituídos pelo uso indiscriminado dos fármacos. Nesse contexto, Ferreira, Batista e Pasa (2014), em um estudo preliminar sobre ensino de botânica realizado no Mato Grosso, observaram que, apesar do conhecimento ser replicado, poucos conseguem absorvê-lo de fato, assim como poucos o utilizam. Tais observações, desse modo, levantam questionamentos sobre a continuidade desses saberes, uma vez que as crianças, no futuro, serão a sociedade e, por isso, cabe a nós ensiná-las. Sendo assim, a produção de um material bibliográfico – como uma cartilha informativa, com as principais espécies de plantas medicinais e seus usos aplicados – pode auxiliar os estudantes em situações de adoecimento, tornando-se uma alternativa frente à automedicação.

Diante disso, o presente estudo tem por objetivo analisar o conhecimento dos estudantes de graduação do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, Santa Maria, sobre o uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização em situações de adoecimento. De modo mais específico, essa pesquisa teve o intuito de compreender como os estudantes percebem a relevância do uso de plantas medicinais como alternativa à automedicação em situações de adoecimento para, assim, identificar, a partir de entrevistas semiestruturadas, os principais usos de plantas e o modo de preparo mais utilizado pelos entrevistados.

Posteriormente, a partir dos dados coletados por meio desta pesquisa, buscou-se elaborar um material bibliográfico com as principais espécies de plantas medicinais utilizadas pelos discentes, assim como seus usos, a fim de divulgar essas informações

à comunidade acadêmica e à sociedade civil. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os alunos de graduação do CCS, da UFSM, através da abordagem qualitativa, baseada na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer. Ademais, o estudo aqui desenvolvido está estruturado em cinco seções, em que a primeira refere-se à introdução, descrevendo a temática e apresentando os objetivos da pesquisa. Na segunda seção, está descrita a revisão de literatura; na terceira, tem-se o aporte metodológico utilizado; na quarta, os resultados e a discussão dos dados; e, por fim, na quinta seção, tem-se as considerações finais do estudo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Na atualidade, a hegemonia da compreensão da ciência médica é tida como a única fonte de conhecimento, sendo construída pela comunidade científica e considerada como verdade pela população em geral. Nessa perspectiva, um dos conceitos fundamentais da medicina é o entendimento de saúde como sendo a ausência de doença. Isto é, visando o sujeito apenas como corpo segregado, a medicina compreende o processo de restaurar a saúde seguindo padrões técnicos e biomédicos.

Em contrapartida, as medicinas tradicionais alternativas e complementares compreendem a saúde como o equilíbrio entre aspectos físicos, mentais, sociais e espirituais – aspectos considerados inseparáveis do corpo a ser analisado. Além disso, é importante ressaltar que, ultimamente, a palavra “integrativa” tornou-se popular ao se referir à práticas que integram tratamentos médicos convencionais com terapias alternativas para tratar de necessidades complexas de saúde. Os tratamentos complementares, desse modo, incluem as terapias associadas aos tratamentos convencionais, concentrando-se nas causas subjacentes e não somente nos sintomas que circundam os indivíduos. Segundo Guimarães et al. (2020), esta é uma forma depreciativa de se pensar modelos contra-hegemônicos de curas e tratamentos, tendo em vista que os tratamentos complementares servem apenas para complementar, não sendo suficientes para tratar. As terapias integrativas concentram-se na mente, nas emoções e no ambiente, sendo, portanto, opostas à medicina convencional.

Destaca-se, ainda, que as medicinas integrativas complementares começaram a ser validadas pela medicina hegemônica através de esforços seguidos por vários anos, iniciados no fim da década de 1970. Com isso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) desenvolveu as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), incrementadas no Brasil através da Portaria GM/MS nº 971, de 3 de maio de 2006, com o intuito de proporcionar políticas públicas na área, a fim de regulamentar e incentivar as práticas de medicinas tradicionais, assim como fomentar estudos de âmbito acadêmico, contribuindo com o desenvolvimento do conhecimento, melhorando a segurança, eficácia e qualidade das práticas (BRASIL, 2018a). Desse modo, as PICS foram introduzidas na rede de cuidados da atenção de baixa, média e alta complexidade do Sistema Único de Saúde (SUS).

Além disso, a Portaria GM/MS nº 849/2017 reconhece 29 procedimentos de

PICS, assim como assegura que estes sejam proporcionados de forma gratuita por meio do SUS, sendo eles: apiterapia, aromaterapia, arteterapia, ayurveda, biodança, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, dança circular, geoterapia, hipnoterapia, homeopatia, imposição das mãos, medicina antroposófica, acupuntura, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, ozonioterapia, plantas medicinais, fitoterapia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia cognitiva integrativa, terapia florais, termalismo social/crenoterapia e yoga. Destas práticas, sete estão diretamente relacionadas às plantas potencializadoras de bem-estar físico, mental e espiritual (BRASIL, 2018b). Portanto, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde podem ser entendidas como um conjunto de sistemas, práticas e produtos de uso clínico, não sendo consideradas práticas médicas convencionais.

Ainda, a inclusão de tais práticas na atenção primária deve seguir os princípios norteadores do SUS, aceitando o compromisso de proporcionar assistência universal, integral, contínua e resolutiva à população, de acordo com as necessidades, por meio da identificação dos fatores de risco que está exposta, interferindo nestes de forma pertinente (BRASIL, 2009). Diante disso, o conhecimento científico deve agregar os elementos dessa realidade, pois as diferenças culturais e sociais de cada população refletem no processo de saúde-doença e alteram os resultados das ações tomadas pelos profissionais da área da saúde (MINAYO, 2006).

Do mesmo modo, salienta-se que a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem estimulando o uso da medicina tradicional, compreendendo práticas, enfoques, conhecimentos e crenças diversas que incorporam medicinas baseadas em plantas, tendo em vista que estes conhecimentos são passados de geração para geração, através da comunicação oral, livros de receitas e práticas familiares. Além disso, a medicina tradicional tem grande influência de religiões de matriz africana, culturas indígenas e curandeiros.

Nesse contexto, a Medicina Alternativa e Complementar (MAC) vem ganhando destaque em diversas partes do mundo. Na França, por exemplo, este percentual de adesão chegou a 75%, no Canadá 70% e nos EUA 42% (OMS, 2002). Assim sendo, das 29 práticas reconhecidas pela Portaria GM/MS nº 849/2017, um quarto estão diretamente relacionadas ao uso de plantas, sendo elas: aromaterapia, ayurveda, homeopatia, naturopatia, plantas medicinais, fitoterapia e terapia floral, o que demonstra, novamente, a importância do conhecimento relacionado a essas Práticas Integrativas em Saúde (PIS).

As plantas são usadas medicinalmente desde os primórdios da humanidade, além de serem importantes componentes da biodiversidade, tanto em florestas quanto em áreas urbanas (BATISTA; NETO, 2015). Elas são frequentemente utilizadas como medicamentos e alimentos por constituírem um dos principais recursos disponíveis na natureza, podendo amenizar ou até mesmo curar sintomas de doenças, evidenciando uma das formas mais antigas de prática medicinal da humanidade (PASA, 2011). Ademais, grande parte das plantas utilizadas são encontradas em hortas urbanas, além de serem de fácil acesso em mercados e feiras locais. As plantas nativas, por exemplo, são encontradas na maioria das dispensas das famílias brasileiras.

No entanto, apesar de as plantas serem amplamente conhecidas na humanidade, com a modernização, muitas famílias passaram a se comunicar menos e, desse modo, os saberes ancestrais ficaram desvalorizados. Com isso, o uso de plantas medicinais passou a ser menos difundido dentro das linhagens. Por outro lado, a medicina biomédica ganhou forças e tomou o lugar do uso de medicinas tradicionais, tornando-se acessível para grande parte da população. Como consequência, diversos medicamentos são usados sem prescrição e orientação de profissionais da saúde. Isso fica ainda mais evidente quando observa-se o consumo de pessoas que passam por situações estressantes durante o seu cotidiano, utilizando-se de fármacos para alívio imediato de sintomas.

Nesse sentido, em relação ao uso de fármacos em situações estressantes, convém ressaltar que, para a maioria das pessoas adultas, o trabalho é a principal ocupação. Afinal, há décadas o trabalho é o centro da vida dos sujeitos e, com isso, surgem novas necessidades de vida, tendo em vista que a cobrança para produzir é, cada vez mais, progressiva, sendo causadora de adoecimentos físicos e psíquicos. Do mesmo modo, para os alunos, o estudo, por ser centro do seu cotidiano, pode ser fonte de prazer e bem-estar, mas também gerador de adoecimentos e sofrimentos, tornando-se necessário o equilíbrio entre estes sentimentos (MERLO et al., 2012). Somado a isso, a expectativa, o medo e o estresse – causados pela mudança de vida de discentes universitários, previamente habituados ao ensino médio, e que passam a morar longe de seus familiares – são gatilhos para a automedicação, uma vez que muitos desses estudantes estão se adaptando a essa nova realidade (MARTINCOWSKI, 2013).

Diante disso, sintomas desses adoecimentos podem ser encontrados na maioria dos estudantes que, muitas vezes, fazem uso de medicamentos sem

orientação médica. E, apesar de conhecerem os efeitos colaterais do uso incorreto de medicamentos sintéticos, a adesão de medicinas alternativas ainda é baixa. Assim, a medicalização é presente nos cotidianos contemporâneos. Nesse viés, embora os alunos de graduação da área da saúde tenham conhecimento para realizar cuidados da população, a automedicação está intimamente relacionada ao acúmulo de conhecimento adquirido, seja nas instituições de ensino ou de forma empírica, resultando em uma maior confiança naqueles que se automedicam (VILARINO et al., 1998). Desse modo, alunos de cursos da área da saúde podem estar mais propícios à automedicação, devido ao conhecimento adquirido em suas respectivas áreas de estudo e à ampla divulgação de medicamentos.

Adicionalmente, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), a automedicação, que pode ser entendida como o uso indiscriminado de medicamentos, visa tratar os sintomas avaliados pelo próprio usuário, podendo ser realizada por indicação de um indivíduo não competente à função ou por opção própria, sem que haja qualquer avaliação de um profissional habilitado para tal. Dessa maneira, determina-se como função do médico e do cirurgião-dentista a capacidade científica de prescrever medicamentos, mediante a necessidade observada em cada cliente/paciente (BRASIL, 1998). Contudo, a automedicação ainda é recorrente na sociedade, sendo caracterizada pelo uso de medicamentos sem prescrição médica e administrada pelo próprio paciente, muitas vezes recomendada por familiares, vizinhos ou balconistas de farmácias (ARRAIS et al., 1997).

Diante do exposto, salienta-se a importância da retomada de saberes ancestrais e tradicionais, como uma alternativa para a redução do uso de medicamentos. Ademais, a inclusão de conteúdos relacionados às PICS nas instituições de ensino, a fim de qualificar os estudantes, propicia que estes procurem qualificações futuras para desenvolverem seus conhecimentos, na prática, enquanto estiverem realizando os seus atendimentos em saúde, disseminando e legitimando as suas aplicações (BRASIL, 2006). Com isso, fomentando, a longo prazo, a redução do uso indiscriminado de medicamentos em situações de adoecimento, as PICS tornam-se uma alternativa plausível.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Desenho de estudo

A presente pesquisa se configura metodologicamente como um estudo qualitativo, com caráter exploratório e descritivo. Segundo Creswell (2010), a abordagem qualitativa pode ser entendida através de passos singulares na análise dos dados, os quais se valem de diferentes estratégias de investigação. Pesquisas qualitativas têm como princípio descrever, e não prever os acontecimentos, sendo sempre de forma exploratória.

Diante disso, os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, com um roteiro composto por perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE A), com 26 alunos de cursos de graduação do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). As entrevistas, desse modo, possibilitaram compreender a narrativa particular de cada sujeito referente ao uso de plantas medicinais em situações de adoecimento. Além disso, utilizou-se de materiais bibliográficos e referências técnicas para o embasamento teórico da pesquisa, a fim de aprofundar a problemática exposta. Assim, a partir de suportes teóricos, foi possível elaborar um material bibliográfico de fácil entendimento, relacionando plantas medicinais e suas formas de uso, seguindo o modelo de cartilha.

Em relação às entrevistas, observa-se que estas foram realizadas de acordo com as questões sanitárias vigentes no combate à Covid-19. Dessa forma, a coleta de dados se deu presencialmente, cumprindo com as medidas de prevenção recomendadas pelo Ministério da Saúde (2020), entendendo o distanciamento social, o uso de máscara facial e de álcool em gel como formas fundamentais de prevenção da doença.

#### 3.2 Campo de estudo

O estudo foi desenvolvido no Centro de Ciências da Saúde (CCS), na UFSM, localizado no município de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. Para esta pesquisa, foram selecionados cursos do CCS, sendo eles: Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Odontologia e Terapia Ocupacional, por realizarem suas atividades práticas no Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM),

entendido como Hospital-Escola vinculado à UFSM. O HUSM abrange o ensino e a pesquisa, além de formar futuros profissionais de saúde que atenderão a comunidade. Para tanto, foi solicitado que a coordenação de cada curso encaminhasse aos seus alunos a carta de apresentação desta pesquisa e, após a sua autorização, a carta foi divulgada, via e-mail, para os Diretórios Acadêmicos dos respectivos cursos.

### 3.3 Sujeitos da pesquisa

O estudo foi realizado com alunos de graduação do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFSM, *campus* Santa Maria. Para a organização da pesquisa, foram selecionados apenas discentes dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Odontologia e Terapia Ocupacional que estejam cursando do quinto ao último semestre, assim como cumprindo os seguintes critérios de participação: i) ter dezoito anos ou mais; ii) estar regularmente matriculado em um dos cursos de graduação do CCS da UFSM; iii) estar cursando no mínimo o quinto semestre; e iv) ter interesse e desejo em participar do estudo de maneira voluntária. Assim, o estudo abrangeu os alunos que já realizaram ou estão realizando suas práticas no HUSM e/ou em outro serviço de atendimento em saúde vinculado à UFSM.

Durante a coleta das entrevistas, levou-se em consideração a transição do ensino remoto, via Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE), ensino mediado por tecnologias, para o ensino na modalidade presencial, não sendo possível quantificar quantos alunos estavam ativamente matriculados. Com isso, totalizou-se 26 entrevistados, sendo eles: 5 do curso de Farmácia; 5 de Fisioterapia; 6 de Medicina; 2 de Odontologia; 2 de Fonoaudiologia; 5 de Terapia Ocupacional; e 1 de Enfermagem. Ademais, houve dificuldades em encontrar alunos interessados participar das entrevistas. Tem-se, abaixo, a caracterização dos participantes da pesquisa (Quadro 1).

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa

<b>Participante</b>	<b>Gênero</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Curso</b>	<b>Semestre</b>
TEO 01	Feminino	22-25	Terapia Ocupacional	Sexto
TEO 02	Feminino	22-25	Terapia Ocupacional	Sétimo
TEO 03	Feminino	22-25	Terapia Ocupacional	Oitavo
TEO 04	Masculino	26-30	Terapia Ocupacional	Oitavo
TEO 05	Feminino	22-25	Terapia Ocupacional	Sétimo
FAR 01	Feminino	22-25	Farmácia	Décimo
FAR 02	Feminino	18-21	Farmácia	Quinto
FAR 03	Feminino	18-21	Farmácia	Quinto
FAR 04	Masculino	22-25	Farmácia	Oitavo
FAR 05	Feminino	31-39	Farmácia	Oitavo
FIS 01	Feminino	22-25	Fisioterapia	Sétimo
FIS 02	Masculino	22-25	Fisioterapia	Sétimo
FIS 03	Feminino	22-25	Fisioterapia	Oitavo
FIS 04	Transgênero	22-25	Fisioterapia	Sétimo
FIS 05	Feminino	22-25	Fisioterapia	Oitavo
FON 01	Feminino	22-25	Fonoaudiologia	Sétimo
FON 02	Masculino	26-30	Fonoaudiologia	Sétimo
MED 01	Feminino	22-25	Medicina	Quinto
MED 02	Masculino	18-21	Medicina	Quinto
MED 03	Masculino	22-25	Medicina	Quinto
MED 04	Masculino	18-21	Medicina	Quinto
MED 05	Masculino	26-30	Medicina	Sexto
MED 06	Feminino	18-21	Medicina	Sexto
ODO 01	Feminino	22-25	Odontologia	Sétimo
ODO 02	Feminino	22-25	Odontologia	Sétimo
ENF 01	Feminino	26-30	Enfermagem	Sexto

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

### 3.4 Coleta e análise de dados

A coleta de dados ocorreu no período de maio a julho de 2022, por meio de uma entrevista presencial, com perguntas abertas e fechadas, permitindo abordar a temática de forma mais aberta e flexível (MARCONI; LAKATOS, 2019). Optou-se por perguntas abertas devido à possibilidade de compreender a temática a partir de respostas livres e espontâneas.

Destaca-se, ainda, que as entrevistas foram realizadas seguindo as medidas preventivas contra o novo Coronavírus, respeitando todos os protocolos de biossegurança. Desse modo, através da plataforma de e-mail, via secretaria dos cursos do CCS da UFSM, e de folders distribuídos em espaços comuns do *campus* e nas redes sociais, divulgou-se a pesquisa aos alunos. Devido à baixa adesão dos alunos alvo, focou-se em ampliar a abrangência da pesquisa utilizando a técnica Bola de Neve, também conhecida como *snowball*, apresentada por Goodman (1961), solicitando que os participantes realizassem o convite para colegas aptos aos critérios da pesquisa, assim, encontrando novos participantes que sucessivamente somariam outros novos participantes.

Posteriormente, agendou-se, previamente, as entrevistas, de acordo com a disponibilidade dos pesquisados, variando, desse modo, os horários da coleta de dados. Devido ao pouco interesse em participar da pesquisa, a pesquisadora fez busca ativa para encontrar alunos disponíveis para participar da pesquisa, alguns entrevistados foram abordados em seus momentos de descanso, na biblioteca e fila do Restaurante Universitário, realizando as entrevistas em espaços mais reservados destes locais, após breve explicação sobre a pesquisa despertando o interesse nos novos alunos encontrados. Em média, as entrevistas tiveram duração de aproximadamente 8 minutos, sendo registradas através de um gravador de voz e, após, transcritas na íntegra e analisadas. Ainda, durante a coleta houve a necessidade, por parte da pesquisadora, em acrescentar uma pergunta ao roteiro respondendo o que são as plantas medicinais.

Os dados qualitativos produziram-se a partir da transcrição das entrevistas, sendo que cada uma foi considerada um *corpus* para análise. A análise baseou-se na hermenêutica-dialética, seguindo temas presentes no roteiro de entrevista, buscando compreender o modo que cada participante relatava sobre os temas debatidos sem os separar do contexto sócio-histórico (MINAYO; DESLANDES, 2002).

Após a transcrição das entrevistas, criou-se um quadro de análise, o qual indicava a pergunta norteadora e, em seguida, as respostas obtidas. Com isso, totalizou-se 25 colunas contendo os participantes e as suas respostas, enquanto 11 linhas referiram-se às perguntas. Os entrevistados foram nomeados pelas iniciais dos seus respectivos cursos, inicialmente considerou-se que poderiam ser interpretados separadamente, dividindo-os em cursos, no decorrer da análise percebeu-se que o entendimento dos alunos sobre a temática se dá enquanto profissionais da saúde de forma geral, sem a necessidade de ocorrer essa separação. Essa maneira de organizar os dados permite a interpretação hermenêutica de forma geral e específica. Ademais, ressalta-se que, durante a análise, buscou-se realizar o diálogo entre as entrevistas, permitindo a leitura total e singular, considerando as similaridades e divergências entre os temas abordados, assim como relacionando-as à literatura. Em seguida, elencou-se dados para a elaboração da cartilha das plantas medicinais para estudantes, a partir de referenciais teóricos.

### 3.5 Considerações éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UFSM (ANEXO A). Desse modo, a pesquisa foi realizada conforme as Resoluções nº 466/2012 e 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, que regem as questões éticas de pesquisa com envolvimento de seres humanos, garantindo sua integralidade (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016).

Além disso, a presente pesquisa considera os aspectos éticos de confidencialidade e privacidade das informações, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, ANEXO B), que foi lido juntamente ao participante, no momento da entrevista. Após o participante manifestar seu interesse em participar da pesquisa, entregou-se uma cópia do TCLE, explicando que ele deveria ler esse documento e, em caso de aceite, assiná-lo, concordando com os termos da pesquisa antes de iniciar a entrevista.

Considerando os aspectos éticos de confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no estudo, por meio do Termo de Confidencialidade e Sigilo (ANEXO C), os responsáveis pela pesquisa se comprometeram a preservar as informações dos participantes, as quais foram utilizadas única e exclusivamente no decorrer da execução da presente pesquisa e para fins acadêmicos. Assim, as

informações somente serão divulgadas de forma anônima. Ainda, a pesquisa contou com a Autorização Institucional (ANEXO D) do representante da instituição onde foi realizado o estudo, informando as características e objetivos da pesquisa, bem como evidenciando as atividades realizadas.

Além disso, sabe-se que, ao participar das entrevistas, poderia haver algum desconforto, como fadiga física e mental. Assim, a fim de amenizar os possíveis danos, as perguntas foram respeitosamente elaboradas e, caso ocorresse desconforto durante a entrevista, os participantes tiveram garantida a possibilidade de não aceitarem participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. Ainda, se necessário, poderia ser feito um encaminhamento aos órgãos de atenção ao estudante da UFSM, que ofertam atendimento ao estudante, como o Setor de Atenção Integral ao Estudante (SATIE), vinculado à Pró Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e à Coordenadoria de Ações Educacionais (CAED). Por fim, deixou-se claro que o participante não teria nenhum tipo de benefício financeiro ou retorno direto ao participar do estudo, sendo beneficiado, de forma indireta, pela devolutiva dos resultados após o término da pesquisa, usufruindo do material bibliográfico gerado.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pesquisa, foram entrevistados 26 sujeitos de cursos distintos da área da saúde, do CCS da UFSM. Quando perguntados sobre o uso de plantas medicinais, 4 destes alegaram que não fazem uso e 22 que o fazem. Diante das respostas dos 22 sujeitos pesquisados que fazem uso de plantas medicinais em seu cotidiano, entende-se que suas compreensões sobre o que são as plantas medicinais são variáveis.

De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), a planta medicinal é aquela que possui substâncias responsáveis pela ação terapêutica (BRASIL, 2017). No decorrer das entrevistas, entendeu-se que as concepções sobre plantas medicinais, apresentadas pelos estudantes, são reduzidas principalmente ao uso de chás, como pode ser observado nas seguintes falas: “Pra mim, são chás e aromaterapia [...]” (FON 02); “São chás que servem para substituir o medicamento [...] comer também” (FON 01). Diferentemente de tais entendimentos, o entrevistado FAR 04 trouxe uma visão bastante técnica sobre o que são plantas medicinais, o que provavelmente está vinculado aos conhecimentos adquiridos em sua graduação de Farmácia:

São substâncias, estruturas biológicas que dentro delas há várias estruturas químicas. Uma planta medicinal vai ter mais de um elementos e estruturas químicas que pode ser benéfico ou maléfico. A camomila é uma planta medicinal que pode ser usada para induzir o sono e deixar menos ansioso. A beladona é uma planta que pode ser venenosa (FAR 04).

Ademais, quando perguntou-se aos 22 discentes sobre quais plantas são utilizadas por eles, pode-se notar que as mais usadas são: camomila, boldo, cidreira, alecrim, marcela, erva-doce, limão e guaco. Abaixo, tem-se três participantes que relatam as plantas que mais utilizam, sendo elas comumente encontradas nas demais entrevistas:

Eu uso muito flor de laranjeira, marsala e guaco. (TEO 02).

Gosto de folha de laranjeira, folha de lima, erva-doce, camomila (MED 03).

Uso várias, acho que as principais são o boldo, arruda, alecrim, lavanda, espada de São Jorge, pitangueira, mirra, cidreira, capim-cidró e penicilina (FIS 04).

Diante disso, foi possível averiguar que as respostas estão relacionadas ao

acesso dessas plantas, pois as mais citadas são popularmente conhecidas, cultivadas e comercializadas, tanto em localidades mais pobres quanto em mais ricas. Há, também, a comercialização de plantas medicinais em feiras, mercados públicos e plantadas em hortas caseiras (MACIEL et al., 2002).

Em relação ao modo de acesso a essas plantas, a maior parte dos entrevistados afirmou que as compra no comércio local, em mercados, lojas de produtos naturais e feiras. Ainda, há entrevistados que acessam tais plantas em ambientes religiosos, em feiras de pequenos produtores, em farmácias, em hortas de familiares e amigos, assim como há quem possui a sua própria horta, como foi apresentado pelo entrevistado TEO 03: “Geralmente [eu] colho na horta da minha mãe, mas como eu não moro mais com ela, eu costumo colher e secar as folhas para poder usar depois”.

Desse modo, percebe-se que a relação familiar tem papel importante na transmissão dos saberes tradicionais sobre os usos de plantas medicinais. Segundo Diegues (1996), os etnoconhecimentos são transmitidos de gerações para gerações, principalmente através da oralidade, desde as populações primitivas até as populações modernas. Assim sendo, a partir das entrevistas realizadas, enfatiza-se a predominância das respostas dos sujeitos de pesquisa, as quais referem-se, em sua maioria, ao aprendizado da utilização das plantas medicinais ser passado por parte de seus familiares. A exemplo, tem-se um trecho do relato do participante FIS 05, o qual afirma: “Aprendi com meus avós que têm o hábito de tomar bastante chá quando surgem algumas dores”.

Do mesmo modo, encontrou-se, nas respostas, a presença de mães e avós com papel principal na disseminação do conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, como pode-se observar na seguinte fala: “Aprendi com a minha mãe. Vem da família por parte de mãe, a minha avó também usava muitos chás, mas toda a minha família usa (ENF 01). Nesse sentido, nota-se a mulher como figura responsável pelo cuidado dos membros familiares, associada à imagem social de cuidadora, sendo reflexo da sociedade atual (DAROS; GUEDES, 2009).

Ainda, de acordo com estudos de Pinto (2012), as parteiras, benzedadeiras e curandeiras são vistas com respeito em suas comunidades quilombolas por possuírem saberes de grande valia, ligados à cura, e por transmitirem esses conhecimentos para os demais.

Também observa-se que o uso de plantas medicinais relaciona-se às crenças

religiosas, aprendidas em terreiros religiosos. Nesse sentido, guias religiosos, xamãs e pajés possuem a sabedoria ancestral acerca dos usos das plantas medicinais e seus benefícios. A medicina natural, desse modo, está ligada a ritos afro-brasileiros e indígenas, principalmente aos de macumba, candomblé e umbanda (GOMES; DANTAS; CATÃO, 2008). Da mesma maneira, os usos de banhos de limpeza, purificação, defumações, cachimbos e charutos relacionam-se a tais crenças, conforme aponta Camargo (1997).

Além disso, de acordo com Araújo (2004), as plantas possuem papel terapêutico devido aos seus principais ativos, que possuem elementos químicos associados ao uso tanto em cerimônias religiosas como em rituais de cura. Portanto, entende-se que as plantas não são escolhidas aleatoriamente. Isto é, a escolha faz parte de um conhecimento tradicional passado através da religiosidade, como foi apontado pelo entrevistado FIS 04: “Aprendia através da religiosidade”.

Por outro lado, poucos alunos alegaram buscar acesso a esse conhecimento através da realização de cursos, para além da grade curricular oferecida por suas graduações, o que é realçado nas seguintes falas:

[...] Depois que eu fiz esse curso em uma faculdade de Minas Gerais, que fala sobre as plantas medicinais, a partir desse mini curso eu passei a usar elas (TEO 02).

[...] E depois fiz [o] curso de fitoterapia do projeto LAPICs (FIS 04).

[...] Muito pouco, mais relacionado a palestras extracurriculares que eu busquei por interesse no tema (TEO 03).

Nota-se, a partir das falas dos entrevistados, que tais conhecimentos acerca dos usos das plantas medicinais foram adquiridos, majoritariamente, em cursos ofertados para além das disciplinas obrigatórias da sua graduação. Desse modo, percebe-se a necessidade e a importância de ofertar esses conhecimentos, através de cursos ou disciplinas complementares, para os graduandos. Ademais, houve, ao longo das entrevistas, relatos referentes ao aprendizado por conta própria, atrelado às ferramentas digitais: “[...] Aprendi na internet mesmo, pesquisando por conta própria” (MED 04).

Em relação ao fácil acesso a medicamentos, ressalta-se que, muitas vezes, o cotidiano de jovens graduandos é marcado pelo distanciamento familiar. Segundo Fernandez et al. (2021), alunos que precisam sair de casa para estudar em outros

municípios enfrentam, muitas vezes, as mudanças solitariamente, o que pode corroborar com a quebra dos vínculos familiares. Desse modo, a influência dos pais sobre o uso de plantas medicinais é também impactada, o que pode estar relacionado, do mesmo modo, ao fácil acesso a tratamentos biomédicos e a medicamentos convencionais (AMOROZO, 2002). Nesse sentido, teve-se, em apenas um dos relatos, a orientação, por parte de um profissional da saúde, de utilizar um fitoterápico: “[...] Foi receitado pelo meu médico quando tive uma crise de ansiedade muito forte, fiquei internada e o fitoterápico foi receitado” (FAR 03).

Conforme o Ministério da Saúde, entende-se como fitoterápicos medicamentos que possuem em sua composição compostos ativos provenientes exclusivamente de matérias-primas vegetais, com suas eficiências e seguranças validadas. A fitoterapia compõe as PICS, que integram o SUS, sendo mais usadas pela Atenção Primária à Saúde (APS), principalmente através da Farmácia Viva, instituída ao SUS pela Portaria nº 886, de 20 de abril de 2010, que preconiza o cultivo, armazenamento e dispersão das plantas, realizando oficinas para o envolvimento da população (BRASIL, 2010).

Diante disso, é importante destacar, ainda, que o processo de desvalorização dos saberes acerca da medicina tradicional teve início juntamente à colonização do país, quando houve grande degradação da biodiversidade e a substituição dos ritos de curas pelas práticas médicas modernas, somadas à valorização dos hábitos europeus, desqualificando, assim, os saberes populares (FREITAS, 2014). Ademais, e acordo com Badke et al. (2019), cabe aos profissionais da saúde se aprofundarem sobre a temática, conhecer o uso e as funções das PICS, para poderem, dessa maneira, transmitir os conhecimentos para a população e adicioná-los as suas práticas profissionais, tendo em vista que a sua atuação dentro dos serviços de saúde vai além do modelo biomédico. Dessa forma, será possível proporcionar a autonomia de escolha aos atendidos, difundindo as formas de uso das plantas medicinais.

Em relação às entrevistas, observou-se que poucos alunos relataram fazer uso de plantas medicinais através de fitoterápicos comercializados pelas farmácias. O uso se dá principalmente por meio de chás extraídos a partir de infusões, o que também foi averiguado em pesquisas de Somavilla e Canto-Dorow (1996) com a população do município de Santa Maria-RS. Abaixo, tem-se os relatos que abordam as formas de uso das plantas medicinais por parte dos entrevistados, enfatizando o uso dos chás como forma de preparo:

[...] É o modo que eu aprendi uma vez, em um curso de plantas medicinais, que seria da infusão, onde você ferve a água, coloca a planta, tampa, deixa algum tempo, coa e depois pode tomar, seria infusão [...] (TEO 02).

[...] Chá e gargarejo e vapor para descongestionar as vias respiratórias (MED 06).

Eu pego as folhas, lavo e coloco ferver na água para fazer chá. Uso direto defumação, banhos. Como que batuqueiro não vai usar isso? (TEO 01).

Ainda, em relação à utilização das plantas e ao seu preparo, as partes mais utilizadas pelos entrevistados foram as folhas, conforme elucidado pela entrevistada FAR 02: “Utilizo as flores secas e a folha [...]”. Sobre isso, Pereira et al. (2004) salientam que essa utilização ocorre porque as folhas estão disponíveis para a colheita durante todo o ano, sendo também possível usar as flores, caules, cascas e raízes. Desse modo, as indicações para o uso das plantas medicinais são variadas, modificando-se principalmente de acordo com o tipo de parte da planta a ser usada. Em algumas situações, os alunos relataram utilizar, de forma recreativa, a erva-mate, visto que no Rio Grande do Sul há a forte cultura de tomar chimarrão, estando presente nos hábitos dos jovens (SOMAVILLA; CANTO-DOROW, 1996), como foi relatado pelo entrevistado ODO 01: “Eu uso para me esquentar no inverno e para recreação”.

A grande maioria dos entrevistados também apontou que os usos de plantas medicinais ocorrem em situações de adoecimento. Nesse sentido, ressalta-se que a vida moderna trouxe muitos avanços tecnológicos, mas também novas doenças, sobretudo relacionadas ao sofrimento mental, o que também ocorre no ambiente acadêmico, lugar em que estudantes são acometidos por níveis de ansiedade e depressão (VIZZOTTO; JESUS; MARTINS, 2017). Nesse caso, o sofrimento psíquico é causado pela necessidade de adaptação a nova etapa de vida, além da cobrança de produtividade e carga horária extensa, o que impacta diretamente na saúde mental dos estudantes (PEREIRA et al., 2015). Sobre isso, os entrevistados afirmaram que utilizam as plantas medicinais como uma forma de escape, para se tranquilizar e proporcionar bem-estar:

Uso quando estou mais nervoso e preciso me acalmar. O dia em que eu estou mais estressado eu tomo um chá ou quando estou com uma dor de barriga, dor no geral (FAR 01).

[Uso] Em situações de adoecimento e quando eu estou em busca de bem-estar (TEO 04).

Eu uso geralmente antes de dormir, para relaxar e dormir melhor, melhora a qualidade do sono, e quando eu acordo (FAR 04).

Ademais, como apontado pelos entrevistados acima, o consumo de chás, com a finalidade de reduzir sintomas causados pela ansiedade, é bastante comum entre os estudantes. Do mesmo modo, o uso de plantas medicinais aliadas aos óleos essenciais contribuem diretamente com o alívio dos sintomas advindos da ansiedade, principalmente estresse, insônia e coração acelerado, podendo ser utilizados como tratamento alternativo (BORTOLUZZI; SCHMITT; MAZUR, 2020). Desse modo, tais usos tornam-se uma possibilidade para evitar a automedicação.

Somado a isso, Morais et al. (2009) afirmam que alguns chás apresentam ação antioxidante natural, agindo contra a oxidação causada por fatores estressantes, o que contribui para a redução das chances de doenças provenientes da oxidação, como cânceres, hipertensão e diabetes. Os chás podem ser extraídos a partir de infusões e decocções. Além disso, as plantas podem ser usadas através da inalação, vaporização, pomadas, tinturas, cataplasma, banho de assento, escalda pés, gargarejos e xaropes. Como apontado pelos entrevistados, sua forma de uso pode variar, principalmente de acordo com a finalidade e tipo de planta.

Nesse sentido, quando perguntados sobre a preferência do uso de plantas medicinais ou de medicamentos, em situações de adoecimento, constatou-se que foram poucos os alunos que preferem exclusivamente fazer o uso de plantas medicinais em situações de adoecimento. Essa escolha deu-se principalmente por esses alunos acreditarem que as plantas possuem menos malefícios quando comparadas ao uso de medicamentos, além de estarem associadas a crenças espirituais e tradições familiares, como pode-se observar a partir dos relatos abaixo:

Sempre prefiro tomar um chá antes de tomar um medicamento porque acredito que algumas dores são causadas pelo estresse do nosso dia a dia e pode[m] ser solucionada[s] com os chás, sem ter que partir pra medicação que pode causar outros tipos de problemas pro nosso organismo (FIS 05).

Dou preferência para as práticas naturais, porque eu sou de uma religião de matriz africana onde aprendemos a se tratar primeiro pelos ensinamentos da religião (TEO 01).

Nesse viés, um estudo de Franco et al. (2022) afirmou que o uso de plantas medicinais aumentou durante a pandemia da Covid-19. Isso ocorreu principalmente pelo elevado custo dos medicamentos farmacológicos (COSTA et al., 2020), sendo, inclusive, reforçado pelo entrevistado TO 04: “[...] Em situações de adoecimento, como gripes e dores de barriga, o manjeriço utilizei quando estava com Covid, para retornar meu olfato [...]”. Além disso, alguns alunos afirmaram utilizar as duas formas de tratamento em situações de adoecimento, como relatado pelos entrevistados abaixo:

[Eu utilizo] Os dois porque eu não uso exatamente uma planta medicinal. Quando eu fico doente, eu tento utilizar medidas para melhorar. Costumo tomar a medicação associada a alguma outra medida natural. Se estou doente sinto que é por alguma coisa estar faltando em mim (FAR 04).

Dependendo da dor, dor de cabeça quando é muito forte, eu tomo um remédio. No geral, eu prefiro usar chá quando eu estou estressado/com dor. Não sei, eu tô tentando diminuir o consumo de medicamentos no geral. Quando faço uso de medicamento é por saber que vai ter efeito garantido e pela praticidade. Por exemplo: quando eu tenho aula e me dá uma dor de cabeça, tomo o medicamento pela situação de não poder tomar chá (FAR 01).

Cabe salientar que, de acordo com Machado et al. (2014), na maioria das vezes as pesquisas geradas dentro do meio acadêmico ficam restritas a um pequeno núcleo, o que diminui sua zona de impacto, fazendo com que o conhecimento acerca das toxicidades, ações terapêuticas e indicações das plantas medicinais não cheguem a toda população, mesmo que esteja dentro da mesma universidade. Isto é, mesmo havendo interesse de reduzir o consumo dos medicamentos por conta própria, os estudantes afirmam não acessar os conhecimentos científicos sobre o uso das plantas medicinais, o que impacta em seus usos. Além disso, como o entrevistado MED 06 menciona, as plantas medicinais também podem ser utilizadas da forma incorreta e, assim, ocasionar danos ao organismo:

Eu acho que tanto no senso comum quanto nos aspectos religiosos que as pessoas colocam em relação ao uso dos chás, assim como qualquer ciência informal, tem o lado da informação e da desinformação. Assim como o remédio usado de forma incorreta vai causar efeitos colaterais e alguns podem ser muito graves, o mesmo pode acontecer com o uso de plantas medicinais. Até quando o meu pai vai usar um chá diferente ele começa a usar uma dose baixa para ver se não vai causar uma reação alérgica, então é importante para saber quando pode ter alguma interação com medicamentos ou outros chás para poder orientar o paciente, pois são poucos que possuem os efeitos comprovados cientificamente. Principalmente a população que não tem acesso a medicamentos tende a procurar vias alternativas e, quando há uma cultura familiar mais forte, potencializa o uso,

é comum o uso e então precisamos saber para entender a situação, pois podemos receitar medicamentos que interajam com os chás (MED 06).

Ainda, a maioria dos entrevistados afirmou que prefere utilizar os medicamentos, por acreditarem que o efeito será mais rápido e eficaz, o que relaciona-se à necessidade de estar bem e apto para exercer seus papéis ocupacionais, conforme mencionado pelos entrevistados abaixo:

Em outras situações de adoecimento, eu prefiro usar os remédios por conta do efeito imediato. Eu quero que o sintoma passe rápido para eu poder voltar a fazer as minhas coisas. Talvez, se eu tivesse com tempo livre, eu experimentaria as plantas medicinais (FIS 02).

Prefiro usar os medicamentos porque são mais práticos (FON 02).

Além disso, o pouco conhecimento científico acerca das plantas medicinais está presente na maioria das respostas que afirmam preferir os medicamentos. Percebe-se, desse modo, a escassez de projetos tecnológicos e de pesquisas que fortaleçam a fitoterapia. Estes estudos, ao serem realizados, atuariam diretamente na implementação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos na rede de saúde de todo país (TOMAZZONI, 2004), fomentando a prescrição por parte de profissionais da saúde. O assunto e a preferência por medicamentos são marcados no discurso dos entrevistados do curso de Medicina, como pode-se observar abaixo:

Prefiro utilizar medicamentos porque eu conheço mais a comprovação científica e eu tenho mais costume de usá-los (MED 04).

Quando estou doente, dou preferência para medicamentos porque eu acho que as plantas oferecem uma ação complementar, enquanto o medicamento tem uma ação terapêutica principal. Até porque o medicamento oferece uma dosagem específica, uma bula mais controlada, e as plantas, na minha percepção, é uma coisa mais experimental, empírica (MED 01).

É evidente, dessa maneira, que a escassez de projetos relacionados às plantas medicinais tem como impacto o aumento da utilização de medicamentos, principalmente através da automedicação. Nesse sentido, Vilarino et al. (1998) definem a automedicação como a ação de utilizar remédios por conta própria, sem a orientação de um profissional da saúde, o que ocorre com pessoas de todas as classes sociais, até mesmo com as que apresentam altos níveis de escolaridade (BECKER; MUSIAL; DUTRA, 2007). Em um estudo, Simões e Farache Filho (1985)

constatarem que grande porcentagem da compra de medicamentos de moradores do interior do estado de São Paulo foram feitas sem indicação médica. Ademais, até mesmo as promoções feitas pelas farmácias implicam em um maior uso de medicamentos por parte da população.

Essas constatações não foram diferentes na pesquisa aqui desenvolvida, visto que, a partir das respostas dos entrevistados, pode-se perceber que a maioria dos discentes que faz uso de medicamentos por conta própria, não lê suas bulas e inclusive desconhece os possíveis efeitos colaterais e riscos que tais medicamentos podem trazer à vida humana. Aliado a isso, o uso de medicamentos é influenciado pela grande quantidade de propagandas sobre medicamentos e fórmulas que irão melhorar a sua saúde, somado a facilidade do acesso, fazendo com que as pessoas desconheçam os riscos e malefícios da sua utilização (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010).

Diante disso, reforça-se que o que poderia contribuir para o uso de plantas medicinais por profissionais da saúde é a maior abordagem dentro de sala de aulas no período de formação. Nesse contexto, quando questionados sobre a abordagem dessa temática dentro da respectiva graduação, os entrevistados, de forma geral alegaram que não há abordagem. Sendo assim, as respostas foram relacionadas ao que TEO 02 discorre:

[O] Mais próximo que eu cheguei [disso] foi em uma disciplina onde [o professor] falou sobre o método de saúde dos indígenas, abordou sobre as PICS, mas não foi diretamente sobre o uso de plantas medicinais, mas sim em um modo alternativo em pensar na saúde (TEO 02).

Ainda, os sujeitos afirmam que não há um enfoque específico acerca do uso de plantas medicinais dentro dos cursos. Há somente algumas palestras e minicursos que, para serem realizadas, necessitam do interesse individual do aluno, além de serem superficiais, conforme o entrevistado MED 04 afirma:

Houve, mas não diretamente nas matérias obrigatórias do curso, mas mais em aulas abertas que eu participei durante o EaD, mas muito poucas. Assisti duas, sendo uma de uma liga aqui na UFSM, aula curta bem superficial e a outra também foi breve (MED 04).

Percebe-se, do mesmo modo, que dentro do curso de Farmácia, o estudo das matérias primas extraídas do vegetal é obrigatório, enquanto o estudo acerca de seus

usos como medicina tradicional é optativo, sendo disponibilizado apenas em Disciplinas Complementares de Graduação (DCGs), como FAR 04 narra:

Não existe uma abordagem específica e focada no assunto, mas durante o curso é abordado de alguma forma, pois muitos dos medicamentos trabalhamos com o isolamento do princípio ativo de uma planta, ou é feito a síntese dele. O que tem de muito forte no meu curso em relação às plantas medicinais é o controle de qualidade, aprendemos como escolher a planta, se há estudos sobre benefícios e fazer vários ensaios de caracterização para ver o que tem naquela planta e confirmar se realmente existe aquele princípio ativo naquela planta. Pode haver em alguma determinada comunidade o uso de uma determinada planta para tratar alguma doença, mas ninguém sabe o que realmente tem na planta e nós precisamos investigar, se for algo legal para estudar isolamos e fazemos o medicamento [...] Também tem a abordagem como alternativa à medicalização tradicional, como a homeopatia, vemos as PICS de forma geral, **mas são DCGs, acredito que deveria ser obrigatório, pois as PICS estão constituídas no SUS e nossa formação é voltada para o SUS, então temos que ter domínio** (FAR 04, grifo nosso).

O entrevistado também salientou o quanto considera relevante o estudo sobre as medicinais tradicionais, para obter domínio sobre as PICS e poder corroborar com a sua futura atuação profissional, demonstrando que a comunidade acadêmica da UFSM apresenta interesse sobre a temática. O participante, inclusive, sugere a inserção de tais conhecimentos em sua prática profissional, além da teoria. Ademais, tem-se o relato de FON 02, a partir de sua vivência prática durante o seu estágio acadêmico, exemplificando um dos benefícios da abordagem dessa temática: “[...] Com a aromaterapia, tivemos um caso onde ela foi muito útil. Utilizamos a essência de lavanda para acalmar uma criança muito hiperativa, tornando a nossa sessão bem tranquila” (FON 02).

De forma geral, constatou-se, a partir da análise dos dados, que todos os entrevistados consideram importante ter conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, PICS e medicinas tradicionais para suas atuações profissionais, como narrado pelos entrevistados abaixo:

Acredito ser relevante para a minha formação, pois os pacientes que chegam no consultório, principalmente nas UBSs, se automedicam, muitos deles fazem o uso desse tipo de medicina alternativa. Se a gente não sabe, como vou auxiliar esse paciente nessa abordagem? (MED 01).

Se formos trabalhar com pessoas em situação de vulnerabilidade social, pode ser uma alternativa viável para essa população, além de poder ser um processo terapêutico o ato de plantar e cuidar da planta e colher o seu medicamento (TEO 02).

Além de ser mais acessível para populações mais carentes, que não têm condições de comprar remédios, se elas têm no quintal de casa e não sabem utilizar algo que vai ser benéfico para ele. Pessoas do interior tem dificuldade de encontrar farmácias e [isso] também contribuiria para a diminuição da automedicação, seria um substituto do medicamento que não tem controle e não sabe a dosagem adequada (FAR 05).

Do mesmo modo, a maioria dos entrevistados afirmou que uma maior abordagem sobre essa temática, dentro do ambiente acadêmico, impactaria de forma positiva em seus usos de plantas medicinais e de outras medicinas tradicionais:

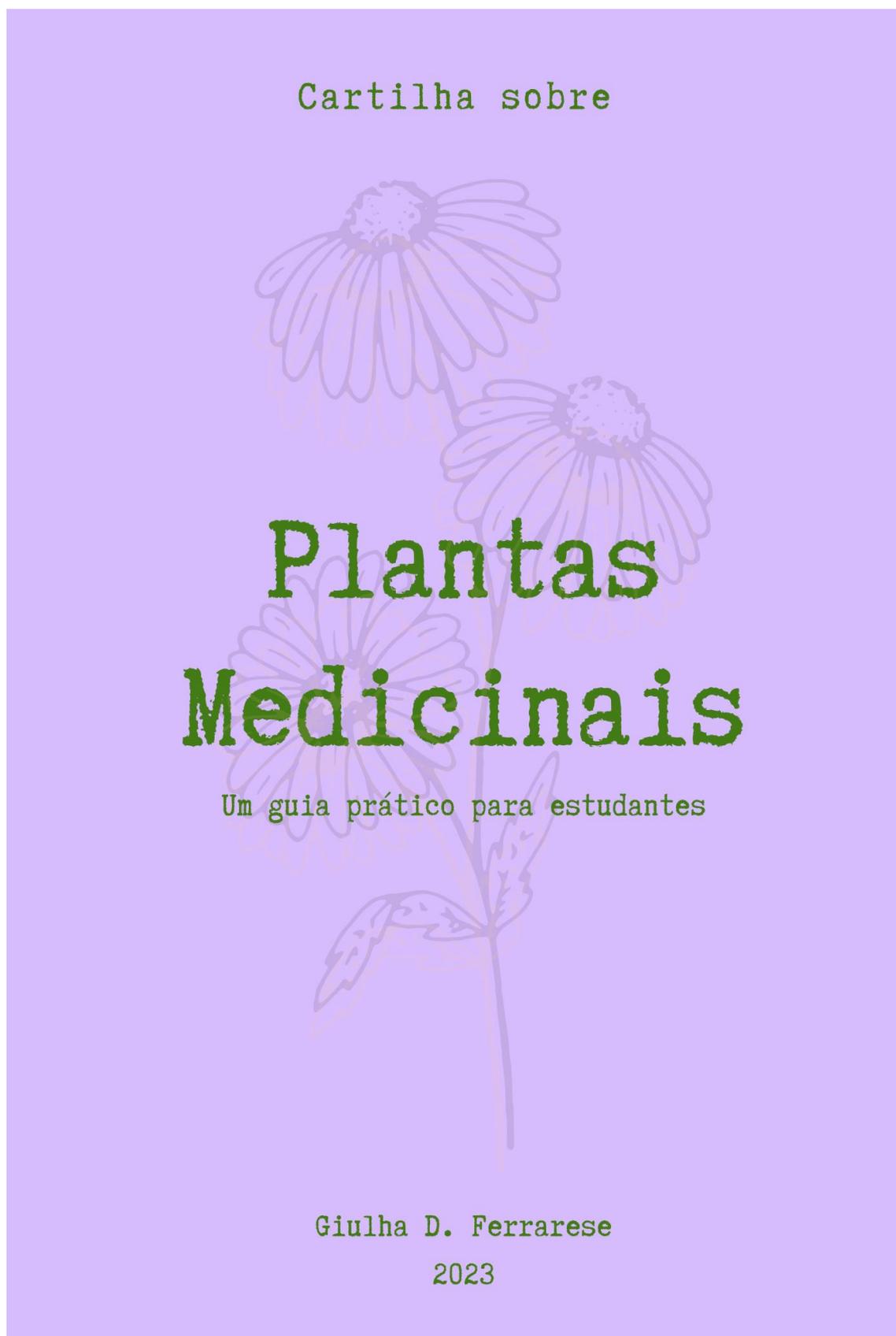
Acredito que sim, pois iria ampliar o nosso conhecimento, principalmente quando aborda questões científicas, afirmando que realmente funciona, pois muitas vezes pensamos que é conversa, é balela, mas acredito que não seja, faz realmente diferença (TEO 02).

Em contrapartida, poucos alunos afirmaram que não fariam o uso de plantas medicinais, mesmo com uma maior abordagem sobre a temática no ambiente acadêmico, como mencionado por TEO 04:

Não, pois pra mim ir na farmácia e comprar um remédio é mais acessível do que ir no mercado e escolher a planta. Pode ser que eu tome chá de uma planta que eu não sei se vai melhorar, pois tem plantas que podem ser prejudiciais. Já o medicamento é indicado para aquela doença em específico (TEO 04).

Por fim, diante do exposto e das análises realizadas, por meio das entrevistas, considerando o desejo dos discentes em aprenderem sobre o uso das plantas medicinais, elaborou-se uma cartilha (Figuras 1-22), com o intuito de fomentar a pesquisa e democratizar saberes, especialmente à população acadêmica. Segundo Ramos e Araújo (2017), cartilhas educacionais são ferramentas que permitem a prevenção e a promoção da saúde. Pensando nisso, a presente cartilha será disponibilizada em formato *Ebook*, gratuitamente, através da plataforma *Kindle*, da loja *Amazon*. Também, pensando em atingir estudantes que não possuem acesos a recursos tecnológicos pretende-se disponibilizar a cartilha em formato físico.

Figura 1 – Capa da Cartilha



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 2 – Introdução da Cartilha

Esta cartilha foi confeccionada com o intuito de partilhar saberes sobre o uso de plantas medicinais, sendo também uma forma de agradecer a comunidade acadêmica por tornar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização, em situações de adoecimento, por estudantes de graduação da área da saúde" possível.

As plantas foram selecionadas a partir das respostas obtidas nas entrevistas realizadas durante esta pesquisa. As informações foram retratadas pelos estudantes e aprofundadas pela pesquisadora, compilando bibliografias estudadas.

Desse modo, a cartilha traz espécies de plantas que, além de possuírem fácil cultivo em hortas verticais, são comumente encontradas na região gaúcha, especialmente em feiras de pequenos produtores.

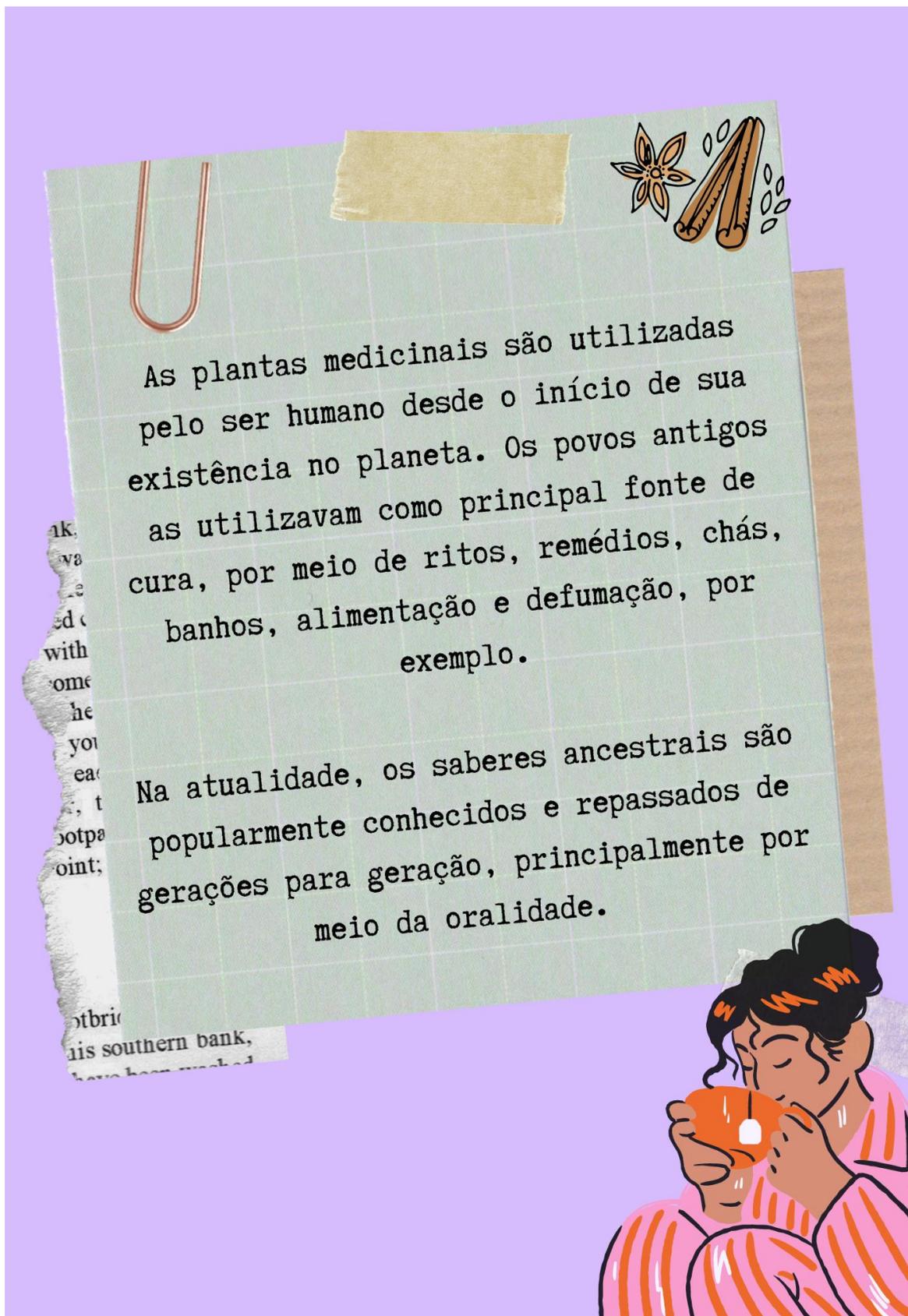


Figura 3 – Apresentação da autora



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 4 – Sobre as plantas medicinais



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

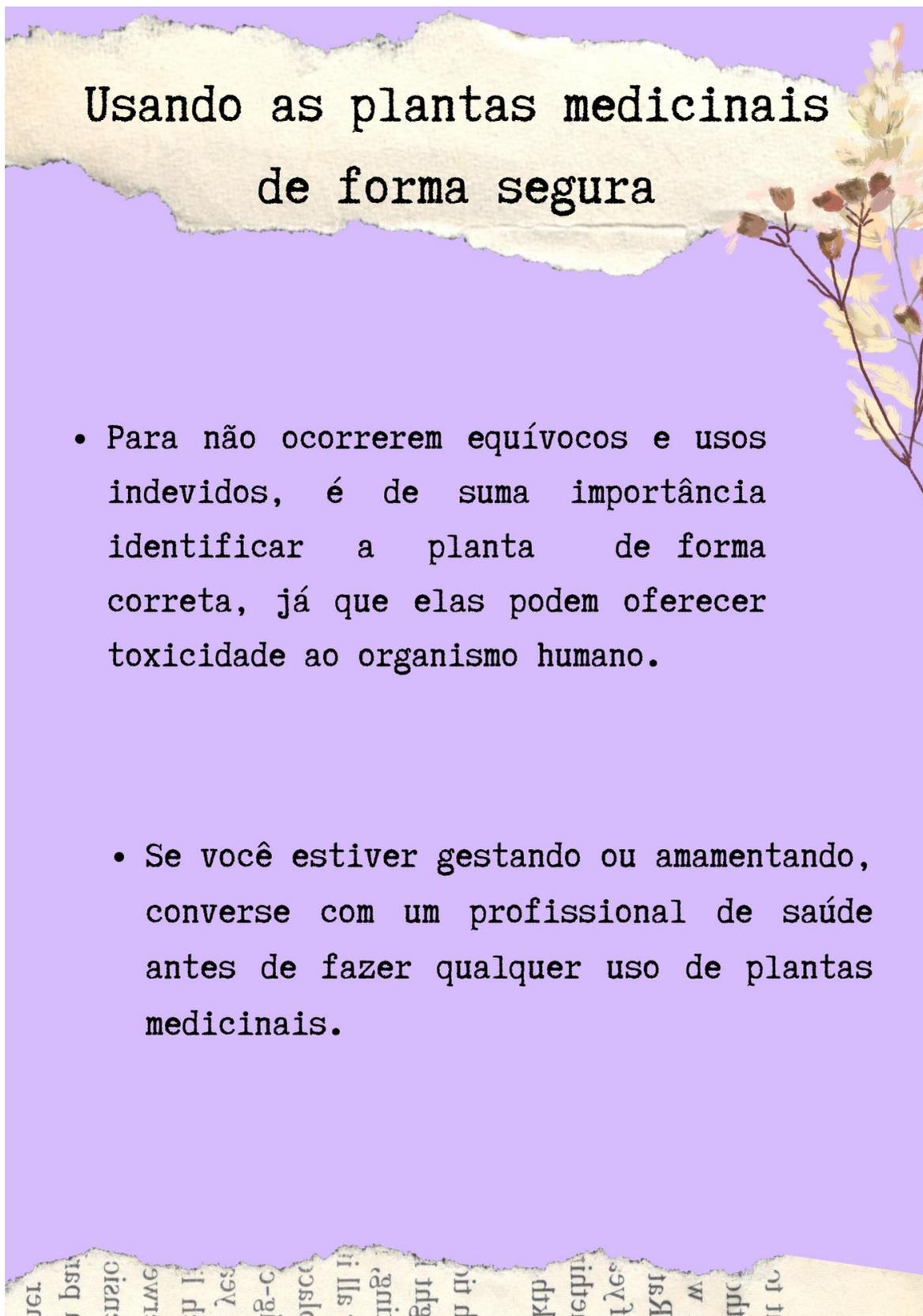
Figura 5 – Sobre as plantas medicinais

O uso das plantas permite que nossas raízes sejam resgatadas, contribuindo para a conexão com nossas ancestralidades, ligando-nos aos saberes, principalmente de nossas mães, avós e bisas. Da mesma forma, a natureza nos traz o bem-estar espiritual.



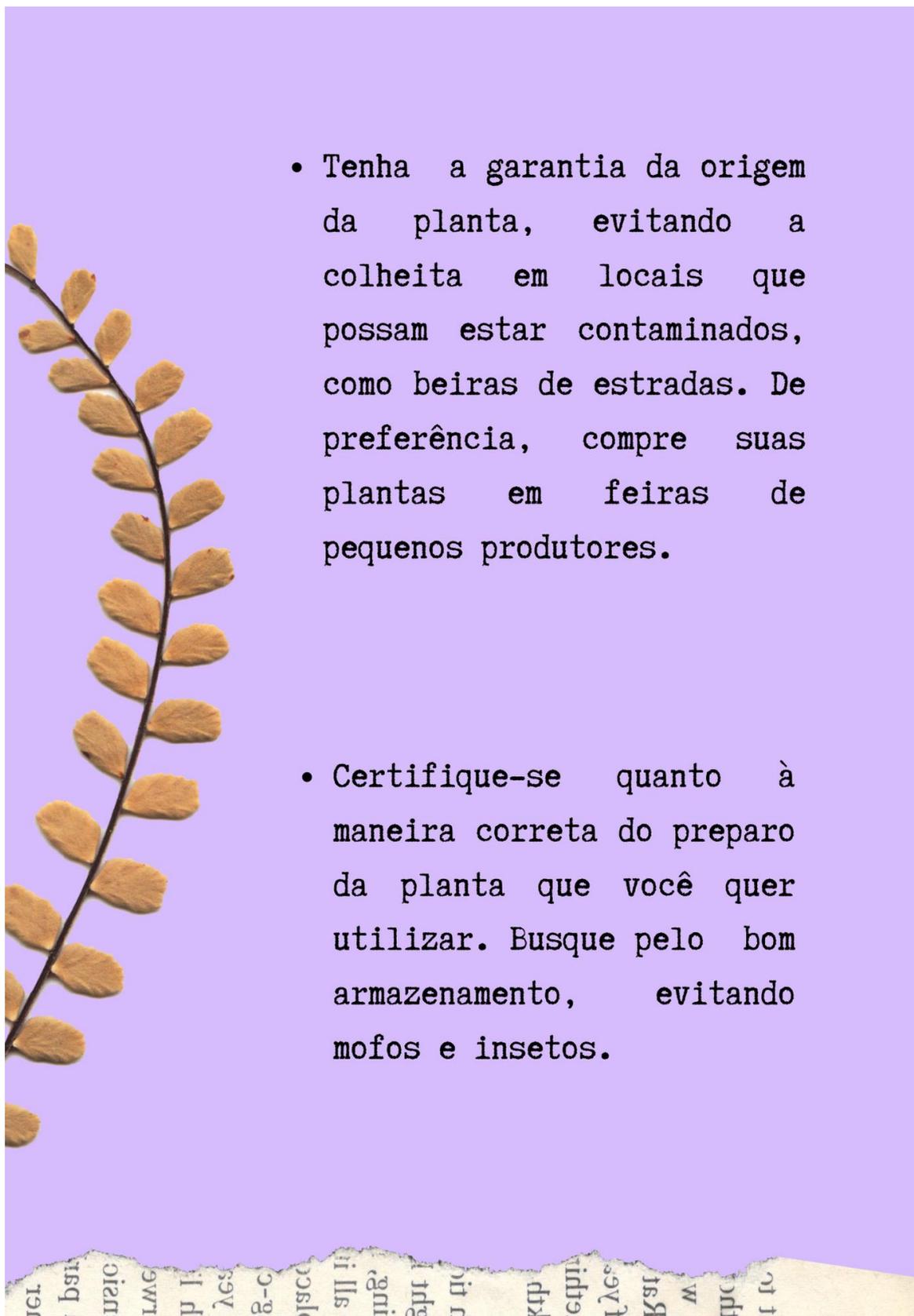
Ao contrário da medicina convencional, a cura natural visa o cuidado do ser como um todo, olhando para todos os seus eixos: corpo, mente e espírito. Sendo, dessa maneira, fundamental na prevenção de doenças, pois gera equilíbrio corporal. Logo, as plantas medicinais também irão te auxiliar durante a jornada acadêmica, afinal, por serem benéficas contra os sintomas de estresse, elas são grandes aliadas dos momentos difíceis da graduação.

Figura 6 – Uso seguro



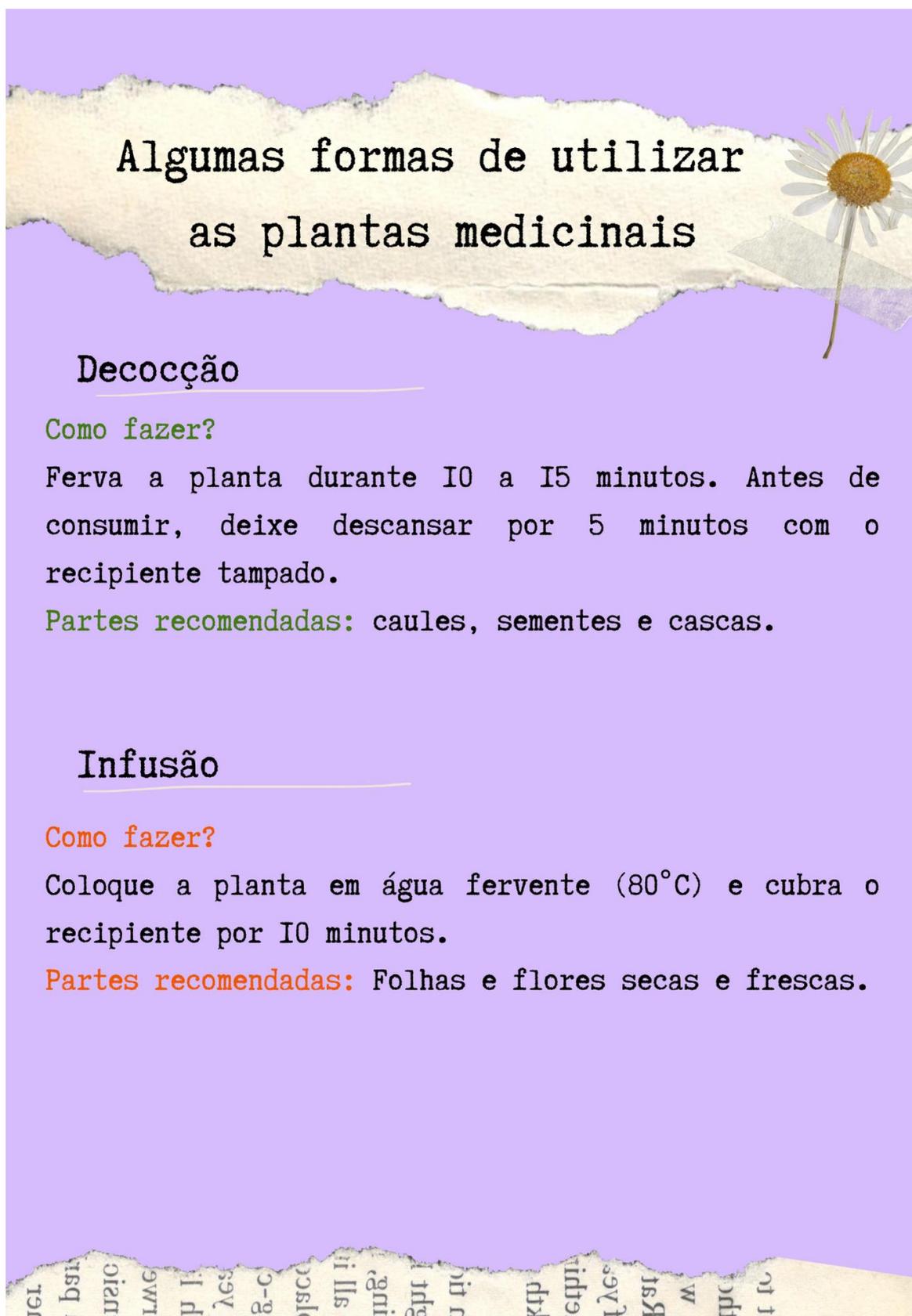
Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 7 – Uso seguro



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 8 – Principais formas de consumo



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 9 – Principais formas de consumo

## Escalda pés

### Como fazer?

Em um recipiente que caiba seus pés, adicione aproximadamente 3 litros de água morna. Em seguida, adicione o chá ou a decocção previamente feitos com as plantas desejadas. Após, espere a água ficar agradável e coloque seus pés por 15 minutos.

## Gargarejo

### Como fazer?

Faça um bochecho com o chá ou a decocção da planta desejada. Evite engolir o líquido.



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 10 – Principais formas de consumo

## Inalação

### Como fazer?

Coloque a planta desejada em uma bacia e deposite água quente. Cubra a bacia com uma toalha para formar uma cabana e, em seguida, coloque a sua cabeça no meio, inalando, desse modo, o vapor produzido por aproximadamente 10 minutos.

## Banho de assento

### Como fazer?

Adicione o chá ou a decocção da planta desejada em um recipiente em que você possa sentar-se e permanecer imerso no líquido por aproximadamente 15 minutos.

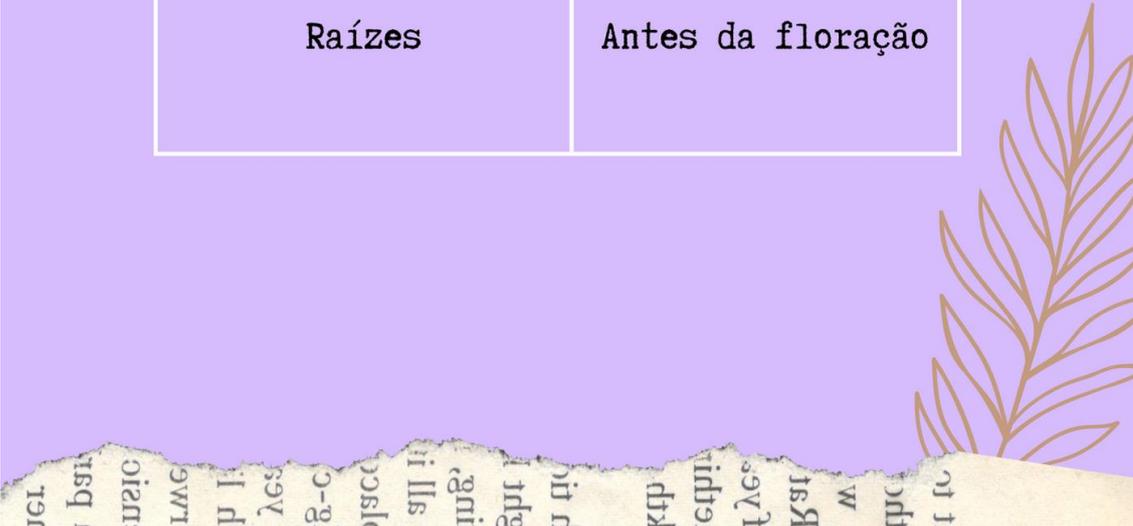
Torne esse momento especial para você. Encontre um local calmo para que possa conectar-se com a sua cura.



Figura 11 – Coleta da planta

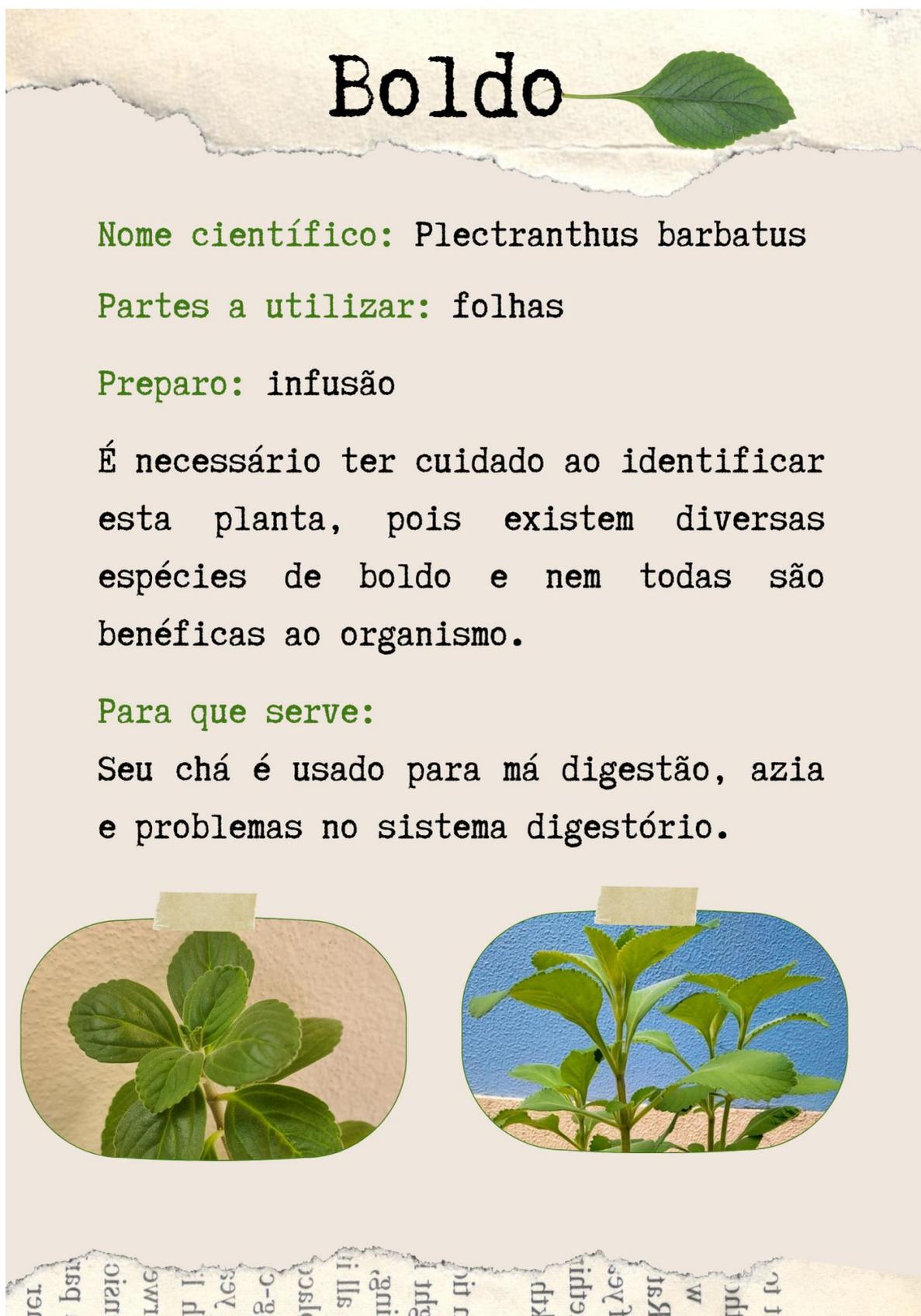


PARTE DA PLANTA A SER USADA	QUANDO COLETAR
Cascas	Antes da floração
Flores	Início da floração
Talos e folhas	Antes da floração
Raízes	Antes da floração



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 12 – Boldo/propriedades



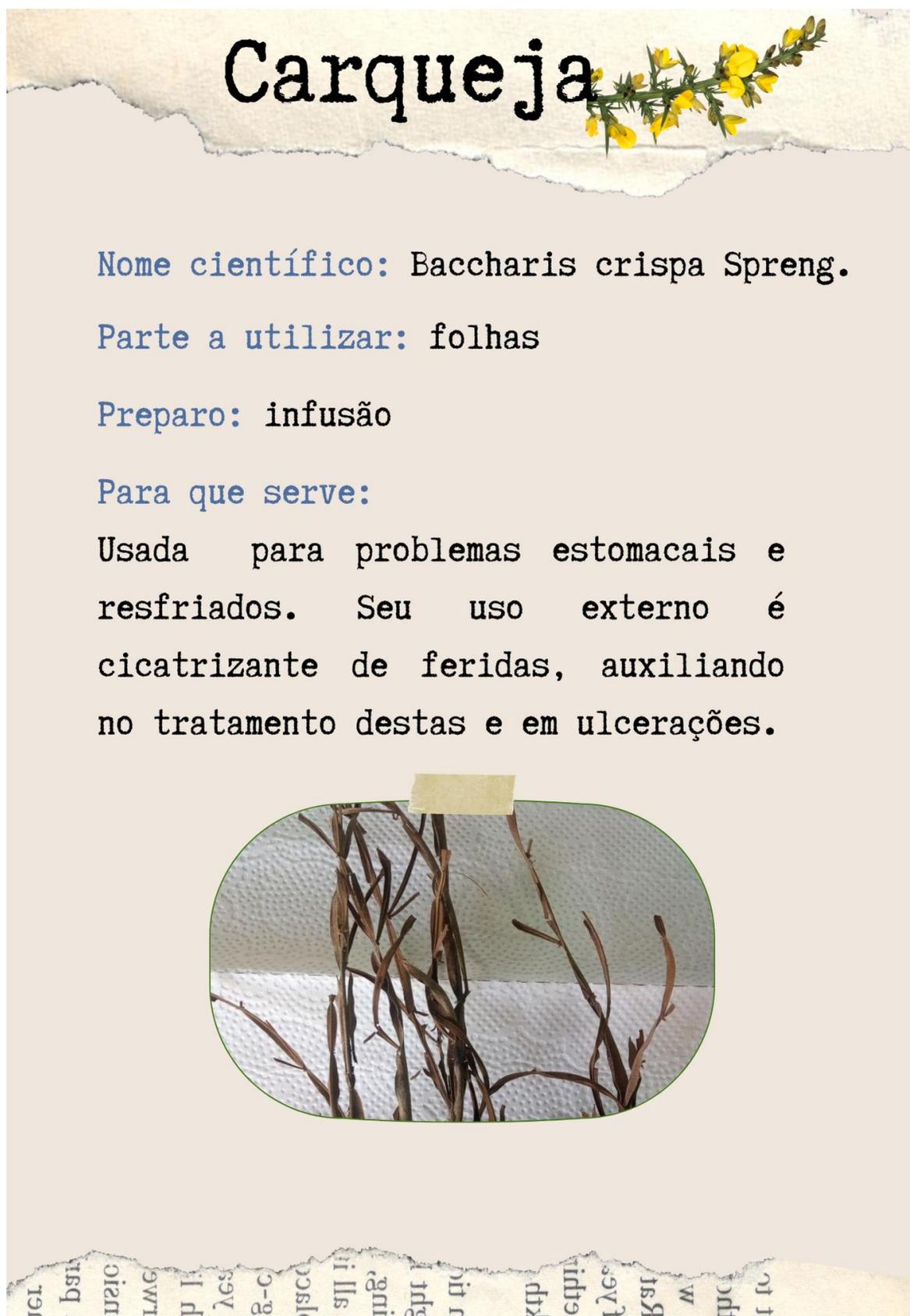
Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 13 – Camomila/propriedades



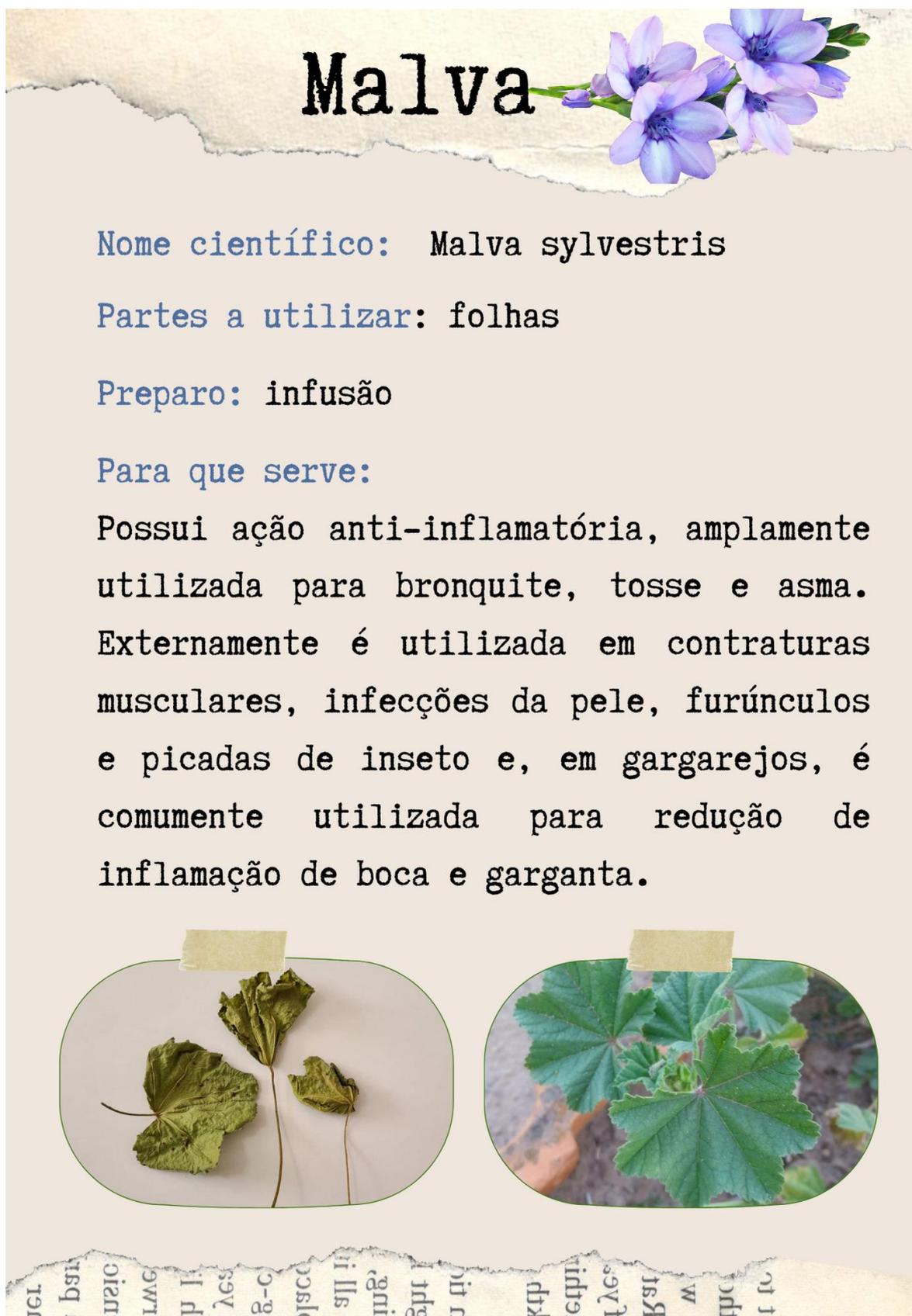
Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 14 – Carqueja/propriedades



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 15 – Malva/propriedades



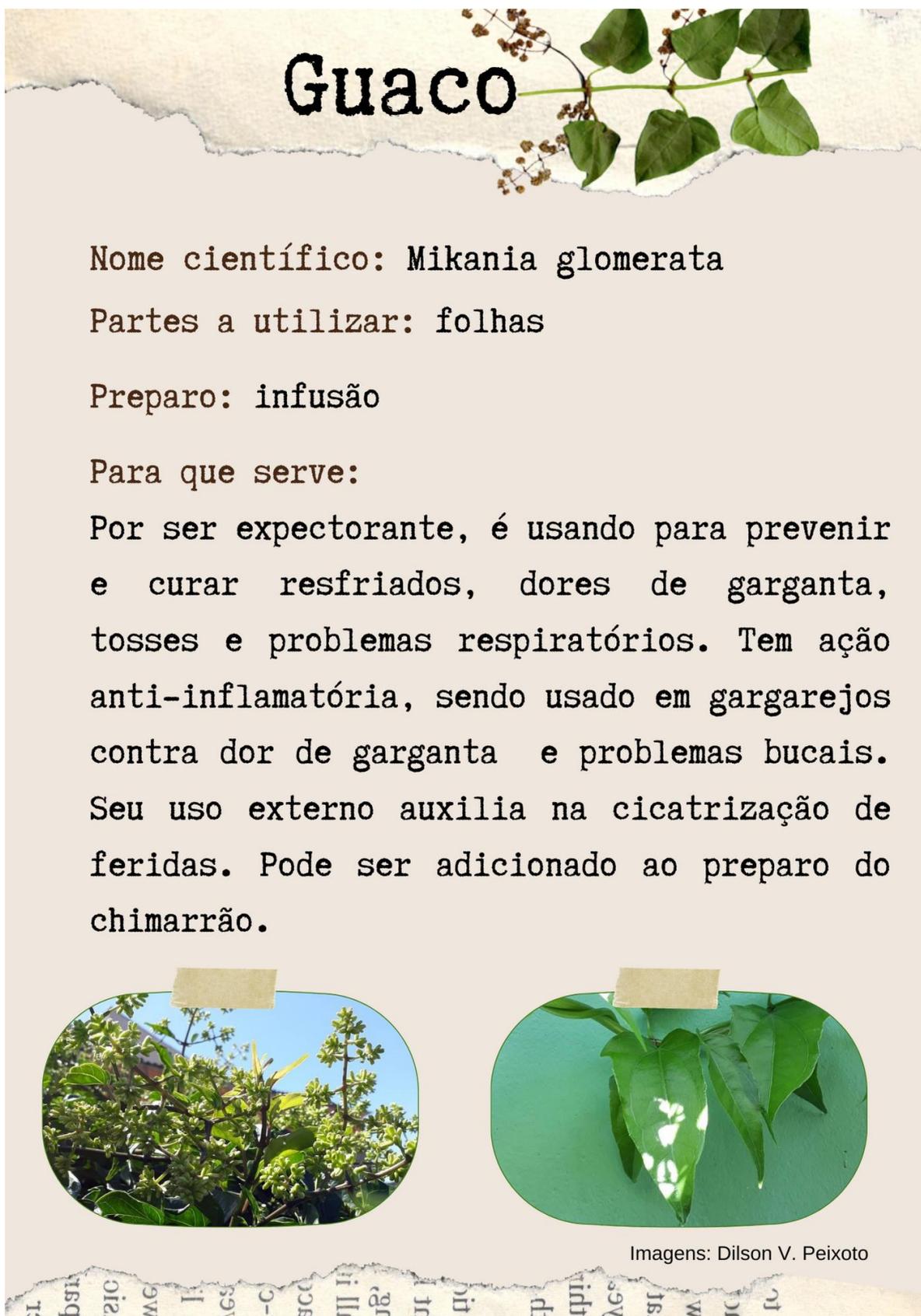
Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 16 – Marcela/propriedades



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 17 – Guaco/propriedades



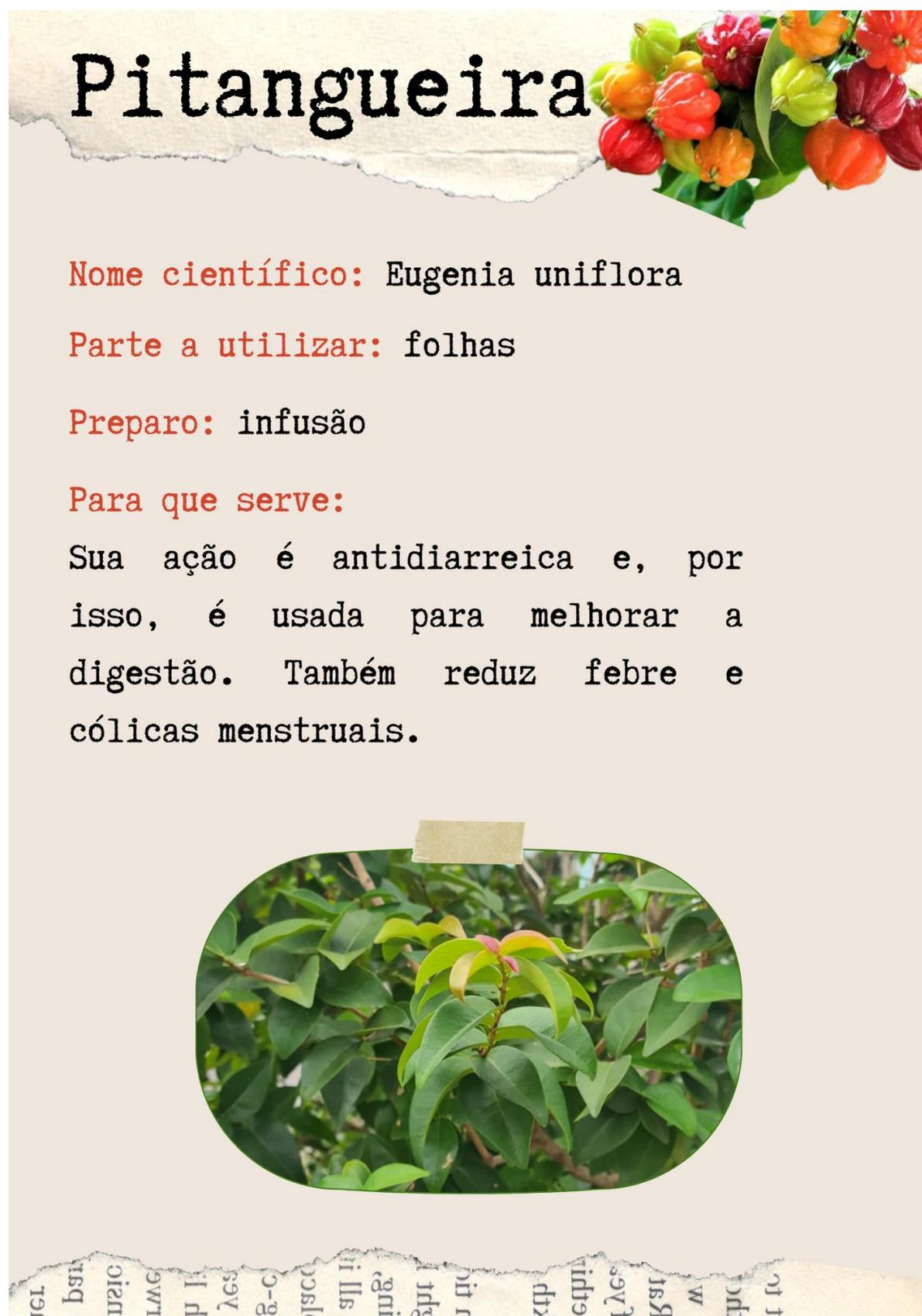
Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 18 – Maracujá/propriedades



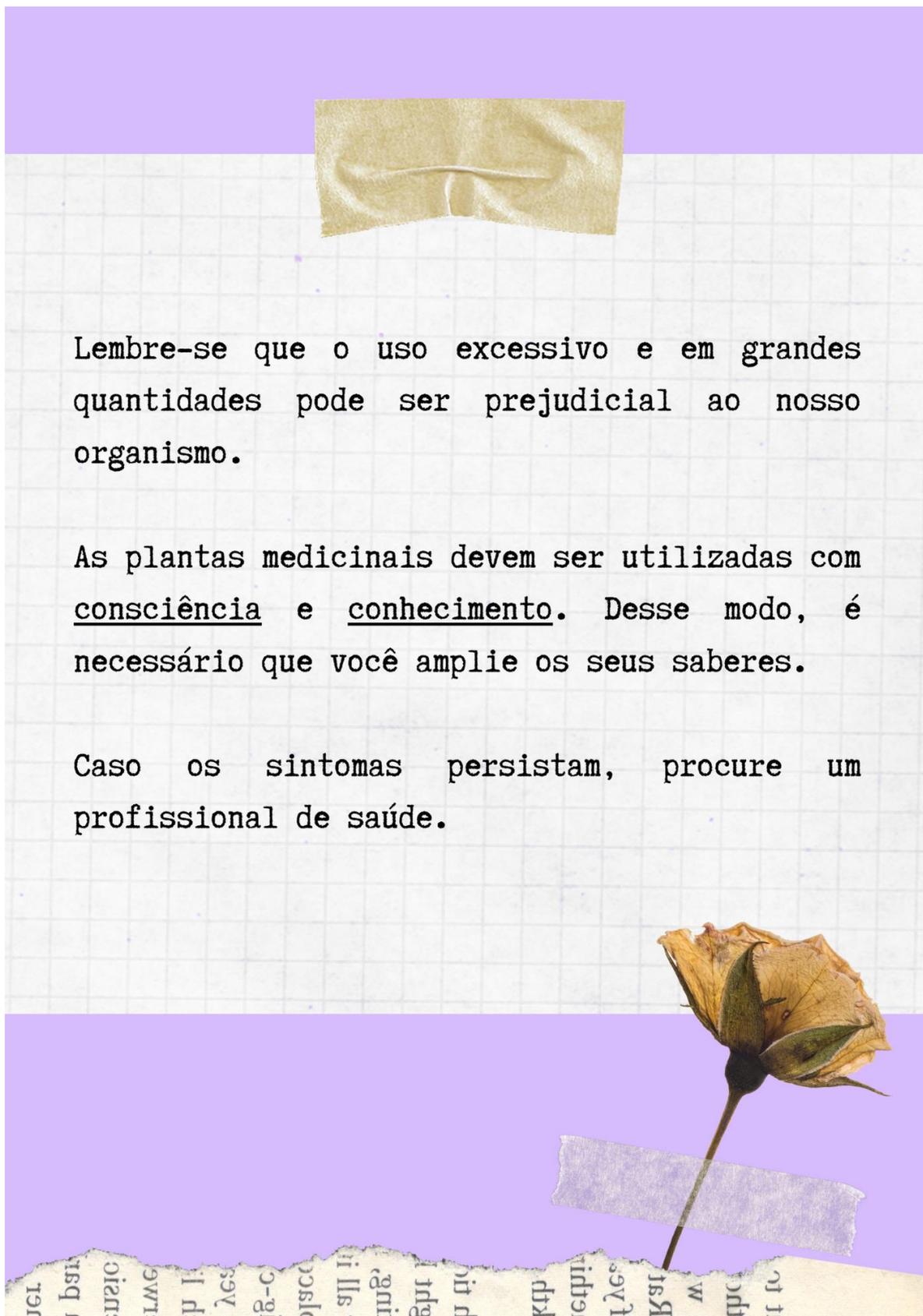
Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 19 – Pitangueira/propriedades



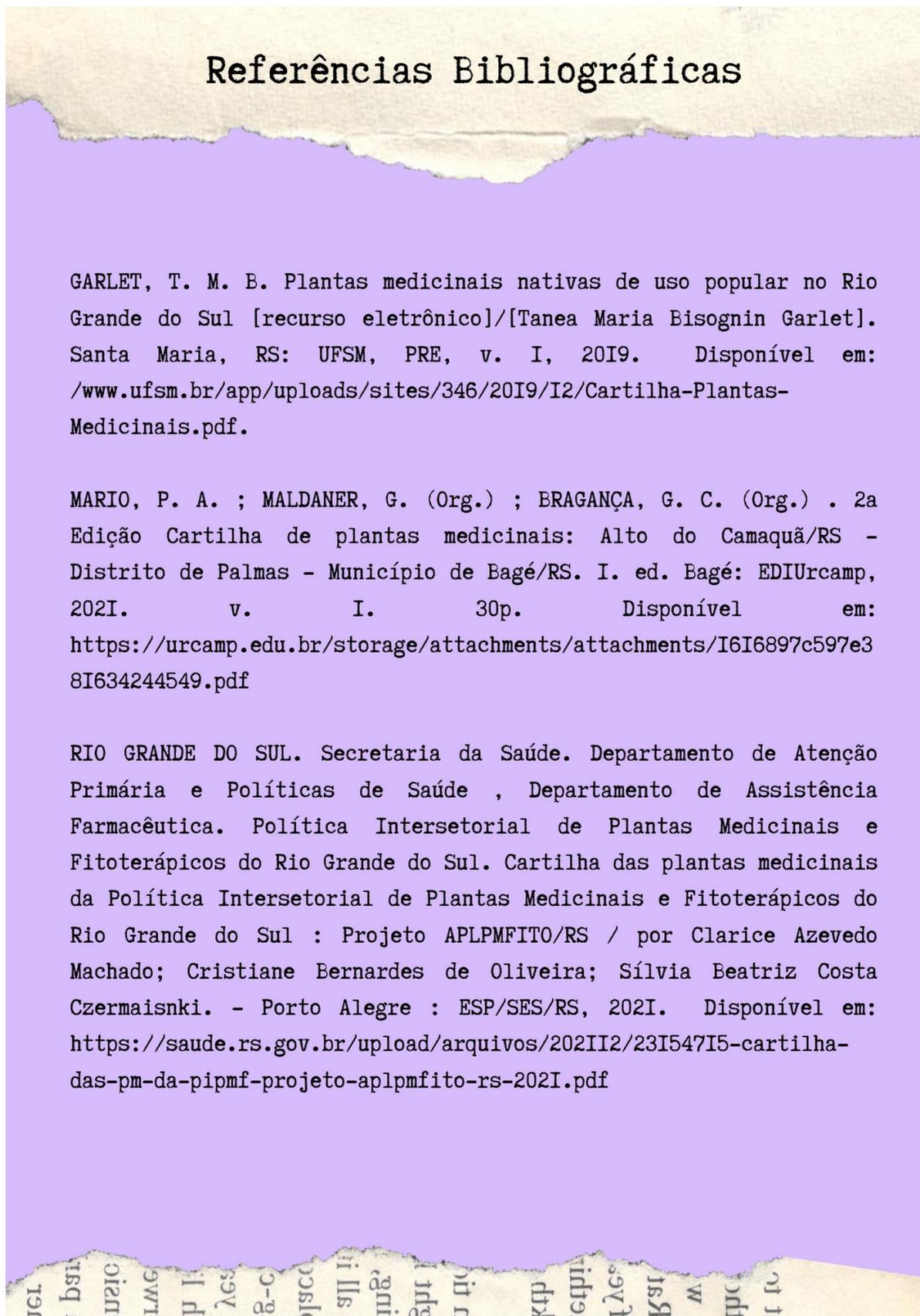
Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 20 – Lembrete da Cartilha



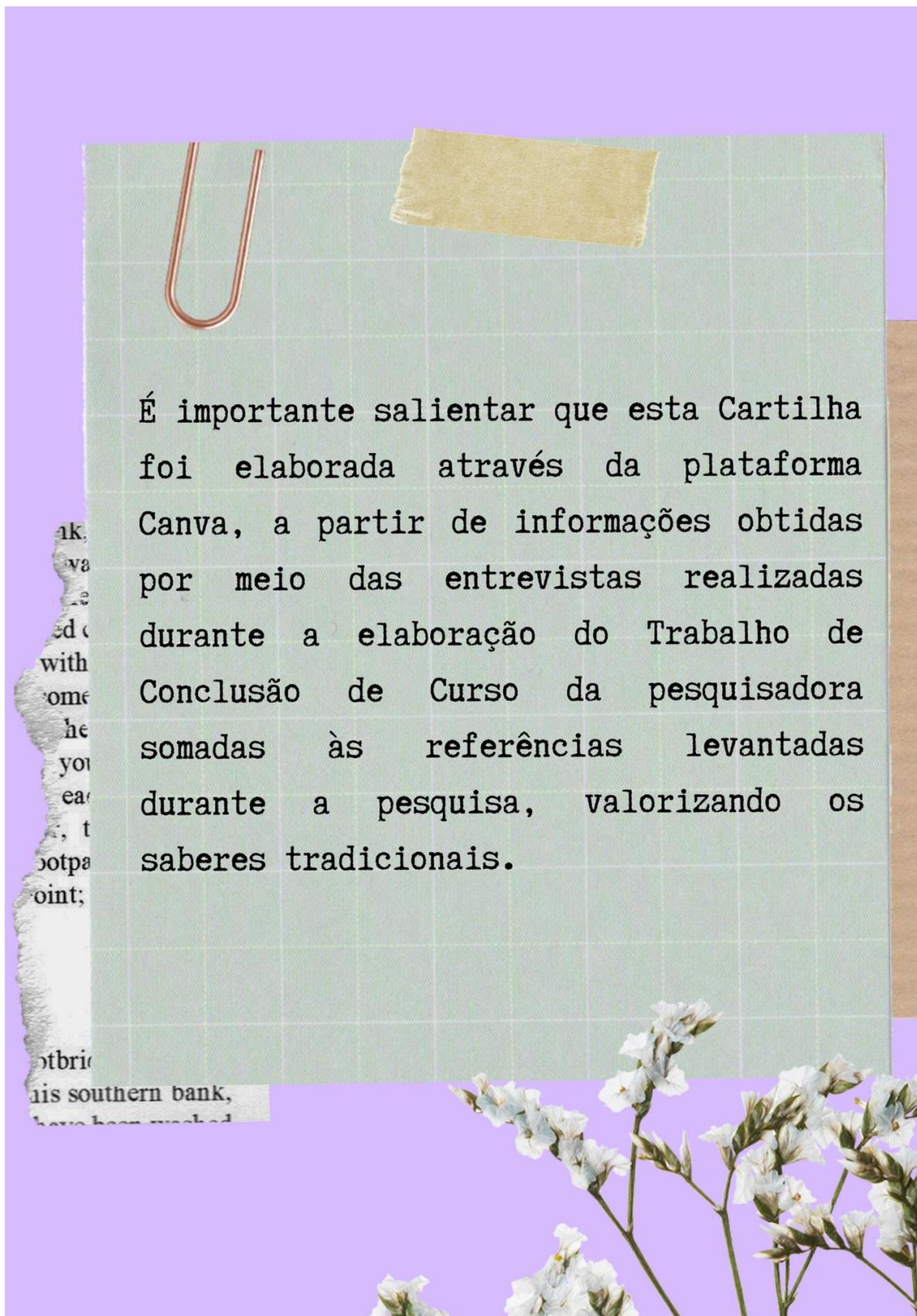
Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 21 – Referências bibliográficas da Cartilha



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 22 – Referências da Cartilha



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2022).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas nessa pesquisa qualitativa partiram do interesse de analisar o conhecimento dos estudantes de graduação do Centro de Ciências da Saúde (CCS), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sobre o uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização em situações de adoecimento. Assim sendo, buscou-se compreender como esses estudantes percebem a relevância do uso de plantas medicinais como alternativa à automedicação em situações de adoecimento. Esse mapeamento serviu como base para, posteriormente, identificar os principais usos de plantas e o modo de preparo mais utilizado pelos entrevistados. Para tanto, a metodologia utilizada contou com entrevistas semiestruturadas, compostas por perguntas abertas e fechadas, através da abordagem qualitativa baseada na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer.

Considera-se que, com os resultados dessa pesquisa, tornou-se possível mapear o conhecimento e o uso de plantas medicinais por parte dos estudantes de graduação dos cursos voltados à área de saúde. Constatou-se, ainda, que o uso dessas plantas ocorre principalmente em situações de adoecimentos vinculadas à saúde mental, através do uso de chás extraídos por infusões, e que a maior parte dos discentes prefere fazer o uso de medicamentos.

Além disso, destaca-se o desejo dos estudantes em obter mais conhecimentos sobre a temática, através de aulas obrigatórias dentro de seus cursos. Assim sendo, o conhecimento gerado nesta pesquisa fomenta mais estudos relacionados a esse tema, contribuindo diretamente com a formação dos alunos e, indiretamente, com toda a sociedade, uma vez que os resultados obtidos nessa pesquisa podem transpassar as barreiras da academia, atingindo a sociedade civil.

Desse modo, os dados coletados possibilitaram a criação de uma cartilha informativa que apresenta as principais espécies de plantas medicinais e seus usos aplicados, o que pode auxiliar os estudantes em situações de adoecimento, tornando-se uma alternativa frente à automedicação. Portanto, com o intuito de fomentar a pesquisa e divulgar saberes populares, tais conhecimentos podem ser replicados e utilizados de forma prática pela população, não restringindo-se ao ambiente acadêmico.

## REFERÊNCIAS

- ARRAIS, Paulo Sérgio D. *et al.* Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, p. 71-77, 1997. Disponível em: [https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/rsp/v31n1/2212.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/rsp/v31n1/2212.pdf). Acesso em: 10 dez. 2022.
- ARAÚJO, Emanuelle Rodrigues. **Jardim Particular**: um estudo de caso. Monografia (Graduação). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2004. 75p.
- AMOROZO, Maria Christina de Mello. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta botânica brasílica**, v. 16, p. 189-203, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abb/a/KX7Xy9RPn5qpyXhmt7YfntL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2022.
- AQUINO, Daniela Silva de; BARROS, José Augusto Cabral de; SILVA, Maria Dolores Paes da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 2533-2538, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/kB6LHkhwPXqbz7QtmHJHQvz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3916, de 30 de outubro de 1998. Política Nacional de Medicamentos. **Diário Oficial da União**, Brasília, v. 86, n. 215E, p. 18, 1998. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3916\\_30\\_10\\_1998.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3916_30_10_1998.html). Acesso em:
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília – DF, 2006. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_fitoterapicos.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf). Acesso em: 10 out. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006**. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Brasília – DF, 2006. Disponível em: <http://www.crbm1.gov.br/Portaria%20MS%20971%202006.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília – DF, 2009. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa\\_nacional\\_plantas\\_medicinais\\_fitoterapicos.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf). Acesso em: 10 out. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 886, de 20 de abril de 2010**. Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília – DF, 2010. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2010/prt0886\\_20\\_04\\_2010.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2010/prt0886_20_04_2010.html). Acesso em: 11 nov. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília – DF, 2012. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Lista DCB, Plantas Medicinais** [atualizada em dezembro de 2017]. Brasília – DF. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 849, de 27 de março de 2017**. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Brasília – DF, 2017. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849\\_28\\_03\\_2017.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html). Acesso em: 10 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS**. Brasília – DF, 2018a. Disponível em: [http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual\\_implantacao\\_servicos\\_pics.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/manual_implantacao_servicos_pics.pdf). Acesso em: 5 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. **Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde**. Brasília – DF, 2018b. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/biblioteca/visualizar/MTM0Ng==>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BECKER, Tânia Cristina Alexandrino; MUSIAL, Diego Castro; DUTRA, Josiene Santos. A automedicação entre os brasileiros. **SaBios-Revista de Saúde e Biologia**, v. 2, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revista2.grupointegrado.br/revista/index.php/sabios/article/view/85/36>. Acesso em: 19 dez. 2022.

BARATA, Daniele Matos. **Prática da automedicação em acadêmicos, iniciantes e formandos, do curso de fisioterapia da Unama**. 2010. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Fisioterapia, Universidade da Amazônia, Belém, 2010. Disponível em: <https://silo.tips/download/pratica-da-automedicao-em-academicos-iniciantes-e-formandos-do-curso-de-fisio>. Acesso em: 11 nov. 2022.

BATISTA, Caio Augusto dos Santos; NETO, Germano Guarim. Palmeiras ornamentais de praças da cidade de Cuiabá. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 1, n. 7, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/flovet/article/view/3107/2149>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BADKE, Marcio Rossato *et al.* Panorama brasileiro dos serviços de plantas medicinais e fitoterápicos. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 9, p. e64, 2019.

Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/3dae/acc0717514525b89133317b34890ab825562.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BORTOLUZZI, Mariana Matos; SCHMITT, Vania; MAZUR, Caryna Eurich. Efeito fitoterápico de plantas medicinais sobre a ansiedade: uma breve revisão. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 2, p. 47, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7342154>. Acesso em: 18 dez. 2022.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. Contribuição ao estudo etnobotânico de plantas do gênero *Erythrina* usadas em rituais de religiões afro-brasileiras. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 42, p. 179-189, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/73476/77195>. Acesso em: 10 out. 2022.

CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro Barbosa de. Enciclopédia da Floresta—O Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações. **Revista Cantareira**, n. 2, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27683>. Acesso em: 6 nov. 2022.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed., cap. 8, 9 e 10, p. 177-238. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COSTA, Nilson do Rosário *et al.* Complexo Econômico-Industrial da Saúde e a produção local de medicamentos: estudo de caso sobre sustentabilidade organizacional. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 8-21, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2019.v43nspe7/8-21/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo. Hucitec, 1996.

DAROS, Michelli Aparecida; GUEDES, Olegna de Souza. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. **Serviço Social em Revista**, v. 12, n. 1, p. 122-134, 2009. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/1b40/5029b61fea701f265fe34ee02d703b0859f0.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

FERREIRA, André Luís de Souza; BATISTA, Caio Augusto dos Santos; PASA, Maria Corette. Botânica experimental no Ensino de Jovens e Adultos (EJA): uma abordagem etnobotânica. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 1, n. 6, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/flovet/article/view/2086/1522>. Acesso em: 11 nov. 2022.

FREITAS, Sônia Maria de. A Saúde no Brasil: do descobrimento aos dias atuais. In: **A Saúde no Brasil: do descobrimento aos dias atuais**. 2014. p. 179. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/but-ib14857>. Acesso em: 11 out. 2022.

FERNANDEZ, Alex Costa *et al.* Dificuldades e fragilidades vivenciadas por alunos durante a graduação em universidade pública. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 3506-3514, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/25154>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FRANCO, Jéssyka Viana Valadares *et al.* Uma revisão sobre o uso das plantas medicinais no tratamento e prevenção da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 8, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/30658>. Acesso em: 20 nov. 2022.

GOODMAN, Leo A. **Snowball sampling**. The annals of mathematical statistics, p. 148-170, 1961. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2237615>. Acesso em: 5 jan. 2023.

GOMES, Heloisa Helena Sucupira; DANTAS, Ivan Coelho; CATÃO, Maria Helena Chaves de Vasconcelos. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na zona leste da cidade de Campina Grande-PB. **Rev Biol Farmácia**, v. 1, n. 3, p. 110-29, 2008. Disponível em: <http://www.ccs.ufpb.br/nepfhf/contents/documentos/artigos/fitoterapia/plantas-medicinais-sua-utilizacao-nos-terreiros-de-umbanda-e-candomble-na-zona-leste-da-cidade-de-campina-grande-pb.pdf/@@download/file/Plantas%20medicinais%20-%20sua%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20nos%20terreiros%20de%20Umbanda%20e%20Candombl%C3%A9%20na%20Zona%20Leste%20da%20cidade%20de%20Campina%20Grande%20-%20PB.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2022.

GARLET, Tanea Maria Bisognin. **Plantas medicinais nativas de uso popular no Rio Grande do Sul**. Santa Maria, RS: UFSM, PRE, v. 1, 2019.

GUIMARÃES, Maria Beatriz *et al.* As práticas integrativas e complementares no campo da saúde: para uma descolonização dos saberes e práticas. **Saúde e Sociedade**, v. 29, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/B4xk3VVgGdNcGdXdH3r4n6C/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2022.

MACIEL, Maria Aparecida M. *et al.* Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química nova**, v. 25, p. 429-438, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/tgsYhzfzBs3pDLQ5MtTnw9c/>. Acesso em: 1 jan. 2023.

MINAYO, Maria Cecilia de S.; DESLANDES, Suely Ferreira. **Caminhos do pensamento: Epistemologia e método**. 1 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MINAYO, Maria Cecilia de S. Contribuições da antropologia para pensar a saúde. In: CAMPOS, G. W. S. *et al.* **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec, Fiocruz. p. 201-230, 2006. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-443459>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MORAIS, Selene M. de *et al.* Ação antioxidante de chás e condimentos de grande consumo no Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, p. 315-320, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbfar/a/cTZZv73cbMXtTsFLNgSXQHz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jan. 2023.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo *et al.* O trabalho e a saúde dos oficiais de Justiça Federal de Porto Alegre. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, v. 15, n. 1, p. 101-113, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/49624>. Acesso em: 12 nov. 2022.

MARTINCOWSKI, Terezinha Maia. A inserção do aluno iniciante de graduação no universo autoral: a leitura interpretativa e a formação de arquivos. **Cadernos da Pedagogia**, v. 6, n. 12, 2013. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/508>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MACHADO, H. L. *et al.* Pesquisa e atividades de extensão em fitoterapia desenvolvidas pela Rede FitoCerrado: uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos por idosos em Uberlândia-MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, p. 527-533, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/NtdTcnFMJcnpXThWFyn7wNr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 jan. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Tenho dúvidas sobre o coronavírus?** O ministério da saúde responde. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/perguntas-e-respostas#:~:text=Se%20estiver%20doente%2C%20com%20sintomas,e%20siga%20as%20orienta%C3%A7%C3%B5es%20m%C3%A9dicas>. Acesso em: 20 nov. 2022.

NETO, Germano Guarim. O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 17, 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3025>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Estratégia de la OMS sobre Medicina Tradicional**. Genebra, 2002.

PEREIRA, R. de C. *et al.* Plantas utilizadas como medicinais no município de Campos de Goytacazes-RJ. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 14, p. 37-40, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbfar/v14s0/a15v14s0.pdf>. Acesso em: 11 set. 2022.

PASA, Maria Corette. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, p. 179-196, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/MJKS9bGm58NXKXjbdPvmZw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Gênero e Etnicidade: histórias e memórias de parteiras e curandeiras no norte da Amazônia. **Revista Gênero na Amazônia**, v. 2, p. 201-224, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13138>. Acesso em: 16 dez. 2022.

PEREIRA, Gisele Araújo et al. Prevalência de síndromes funcionais em estudantes e residentes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, n. 3, p. 395-400, 2015. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-52712015000300395&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-52712015000300395&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 8 jan. 2023.

RODRIGUES, Angelo G. *et al.* **Plantas medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia**. 2002. p. 320-320. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21271>. Acesso em: 21 dez. 2022.

RAMOS, Lídia Maria Henrique; ARAÚJO, Robson Fágner Ramos de. Uso de cartilha educacional sobre diabetes mellitus no processo de ensino e aprendizagem. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 10, n. 3, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21271>. Acesso em: 11 nov. 2022.

SIMÕES, Maria Jacira S.; FARACHE FILHO, Adalberto. Consumo de medicamentos em região do Estado de São Paulo (Brasil), 1985. **Revista de Saúde Pública**, v. 22, p. 494-499, 1985. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/9zDJzm6mjz5kSjqHb4JfJD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2022.

SOMAVILLA, Nádia; CANTO-DOROW, Thais Scotti do. Levantamento das plantas medicinais utilizadas em bairros de Santa Maria–RS. **Ciência e Natura**, p. 131-148, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/view/26612>. Acesso em: 2 jan. 2023.

TOMAZZONI, Marisa Ines. **Subsídios para a introdução do uso de fitoterápicos na rede básica de saúde do Município de Cascavel/PR** [dissertação]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2004. Disponível em: <http://www.ppgenf.ufpr.br/Disserta%C3%A7%C3%A3oTomazzoni.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

VILARINO, Jorge F. *et al.* Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 32, p. 43-49, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/WNSBDCj38mbXHBztZfzfbJP/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 11 nov. 2022.

VIZZOTTO, Marília Martins; JESUS, Saul Neves de; MARTINS, Alda Calé. Saudades de casa: indicativos de depressão, ansiedade, qualidade de vida e adaptação de estudantes universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 9, n. 1, p. 59-73, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6098/609864854005/609864854005.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2022.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

#### SEÇÃO 1 – IDENTIFICAÇÃO

1) Com qual gênero você se identifica?

- a)  Feminino
- b)  Masculino
- c)  Outro: \_\_\_\_\_
- d)  Prefiro não responder

2) Qual sua faixa etária?

- a) 18 – 21 anos
- b) 22 – 25 anos
- c) 26 -30 anos
- d) 31 –39 anos
- e) Acima de 40 anos

3) Você é estudante de qual curso?

- a) Enfermagem
- b) Farmácia
- c) Fisioterapia
- d) Fonoaudiologia
- e) Medicina
- f) Odontologia
- g) Terapia Ocupacional

4) No atual momento está cursando qual semestre?

- a) Quinto
- b) Sexto
- c) Sétimo
- d) Oitavo
- e) Nono
- f) Décimo
- g) Décimo primeiro
- h) Décimo segundo

#### SEÇÃO 2 – USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM SITUAÇÕES DE ADOECIMENTO

- Para você, o que são plantas medicinais?

1) Você faz uso de plantas medicinais?

- a) Sim      b) Não

2) Você se automedica?

a) Sim      b) Não

Se sim, com qual frequência? ( ) Sempre ( ) Às vezes ( ) Nunca.

3) Você lê a bula de remédios que consome?

a) Sempre  
b) Às vezes  
c) Nunca.

4) Você tem conhecimento dos riscos ou efeitos colaterais ao utilizá-los?

a) Sim      b) Não

5) Quais são as principais plantas que você usa?

6) Qual parte da planta você utiliza (caule, flor, folha, raiz, sementes, frutos e/ou outros)?

7) Quais são as formas de preparo que você utiliza?

8) Como você tem acesso a plantas medicinais?

9) Com quem você aprendeu sobre as plantas medicinais?

10) Em quais situações de sua vida você as utiliza?

11) Em situações de adoecimento você dá preferência ao uso de medicamentos ou opta pelo uso de plantas medicinais? Explique.

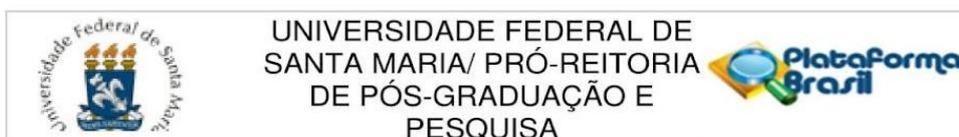
12) Você consegue identificar a abordagem de uso de plantas medicinais durante a sua formação acadêmica?

13) Você considera importante estudar sobre o uso de plantas medicinais no seu curso? Considera relevante para sua futura atuação profissional? Por quê?

14) Caso houvesse maior abordagem dentro do assunto de plantas medicinais pelo seu curso faria com que você as utilizasse mais em situações de adoecimento? Explique.

## ANEXOS

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** USO DE PLANTAS MEDICINAIS COMO ALTERNATIVA À MEDICALIZAÇÃO, EM SITUAÇÕES DE ADOECIMENTO, POR ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE

**Pesquisador:** Ana Luiza Ferrer

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 58334122.0.0000.5346

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.401.443

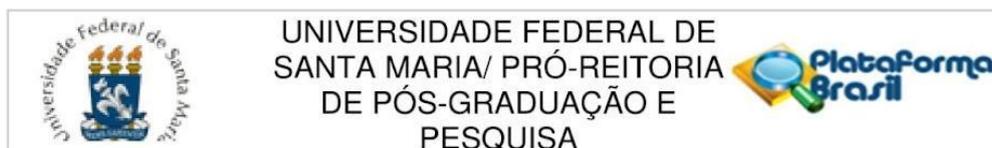
## Apresentação do Projeto:

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de TCCI do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS).

O presente estudo tem por objetivo avaliar o conhecimento de estudantes de nível superior sobre o uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização em situações de adoecimento e, posteriormente, desenvolver uma cartilha informativa. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, com 35 estudantes, cinco de cada curso, dos cursos da saúde da UFSM, utilizando-se de uma entrevista semiestruturada a fim de compreender o estado do conhecimento das pessoas que realizam curso na área de saúde nessa instituição. Os pesquisadores solicitarão à coordenação dos cursos que encaminhe aos seus alunos a carta de apresentação desta pesquisa, assim como a divulgação da pesquisa será enviada para o e-mail dos diretórios acadêmicos dos respectivos cursos.

Como critérios de inclusão os cursos selecionados serão: Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Odontologia e Terapia Ocupacional que estejam cursando do quinto ao último semestre do seu respectivo curso, sendo os critérios de participação: i) ter dezoito anos ou mais; ii) estar regularmente matriculado em um dos cursos de graduação do CCS da UFSM; iii)

**Endereço:** Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa  
**Bairro:** Camobi **CEP:** 97.105-970  
**UF:** RS **Município:** SANTA MARIA  
**Telefone:** (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.401.443

estar cursando no mínimo o quinto semestre; iv) ter interesse e desejo em participar do estudo de maneira voluntária. Critério de Exclusão: Estudantes que não aceitem assinar o TCLE e Estudantes do primeiro ao quarto semestre de graduação. Os critérios éticos estão adequadamente descritos. Esperam que com essa pesquisa seja possível mapear o conhecimento e o uso de plantas medicinais por estudantes de graduação dos cursos voltados à área de saúde. Ademais, almeja-se que o conhecimento gerado nesta pesquisa possa fomentar mais estudos relacionados à esta temática, contribuindo diretamente com a formação dos alunos e, indiretamente, com toda a sociedade, uma vez que os resultados a serem obtidos com essa pesquisa transpassam as barreiras da academia, atingindo a sociedade de forma geral e, inclusive, podendo ser replicados e utilizados de forma prática pela população principalmente após a leitura do material bibliográfico produzido no trabalho.

No projeto constam, ainda, revisão bibliográfica, descrição da metodologia, instrumentos de coleta de dados, cronograma e orçamento.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo primário: analisar o conhecimento dos estudantes da área de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, sobre o uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização em situações de adoecimento.

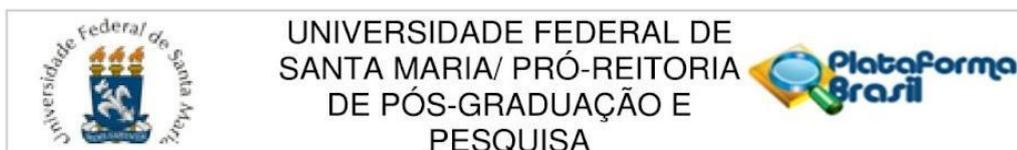
Objetivo Secundário: A) Compreender como os estudantes percebem a relevância do uso de plantas medicinais como alternativa à automedicação em situações de adoecimento; B) Identificar, a partir de entrevistas, os principais usos de plantas e o modo de preparo mais indicado pelos entrevistados; C) Elaborar material bibliográfico com as principais espécies de plantas medicinais e os seus usos.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Tendo em vista as características do projeto, a descrição de riscos e benefícios pode ser considerada adequada.

Riscos: sabe-se que, ao participar das entrevistas, pode haver algum desconforto, como fadiga física e mental. Assim, a fim de amenizar os possíveis danos, as perguntas foram respeitosa

**Endereço:** Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa  
**Bairro:** Camobi **CEP:** 97.105-970  
**UF:** RS **Município:** SANTA MARIA  
**Telefone:** (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA**

Continuação do Parecer: 5.401.443

elaboradas e, caso ocorra desconforto durante a pesquisa, os participantes têm garantida a possibilidade de não aceitarem participar ou de retirarem sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. Ainda, se necessário, poderá ser feito encaminhamento aos órgãos de atenção ao estudante da UFSM que ofertam atendimento ao estudante, o Setor de Atenção Integral ao estudante (SATIE), vinculado à Pró Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e a Coordenadoria de ações educacionais (CAED).

Benefícios: será beneficiado de forma indireta pela devolutiva dos resultados após o término da pesquisa usufruindo do material bibliográfico gerado.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória podem ser considerados suficientes.

**Recomendações:**

.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

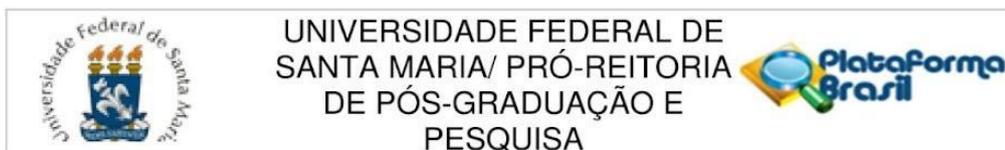
.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1939111.pdf	02/05/2022 16:17:45		Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto_assinada.pdf	02/05/2022 16:13:12	Ana Luiza Ferrer	Aceito
Outros	autori_fono.pdf	02/05/2022 15:59:57	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito
Outros	fisioterapia.jpeg	29/04/2022 20:08:02	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito
Outros	odontologia.PDF	29/04/2022 20:07:30	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito
Outros	terapiaocupacional.jpeg	29/04/2022 20:07:03	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito

**Endereço:** Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa  
**Bairro:** Camobi **CEP:** 97.105-970  
**UF:** RS **Município:** SANTA MARIA  
**Telefone:** (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA

Continuação do Parecer: 5.401.443

Outros	medicina.pdf	29/04/2022 20:06:36	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito
Outros	enfermagem.jpeg	29/04/2022 20:06:06	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito
Outros	farmacia.jpeg	29/04/2022 20:05:29	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito
Brochura Pesquisa	projeto_70535_Giulh.pdf	29/04/2022 20:02:02	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TCC_I_GIULHA_DEON_FERRARESE_ Vfinal.pdf	29/04/2022 20:01:07	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_Confidencialidade.pdf	29/04/2022 19:59:20	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	29/04/2022 19:59:07	GIULHA DEON FERRARESE	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SANTA MARIA, 11 de Maio de 2022

Assinado por:  
**CLAUDEMIR DE QUADROS**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - sala 763 - Sala Comitê de Ética - 97105-900 - Santa  
**Bairro:** Camobi **CEP:** 97.105-970  
**UF:** RS **Município:** SANTA MARIA  
**Telefone:** (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com

## ANEXO B– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**Título do projeto:** Uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização, em situações de adoecimento, por estudantes de graduação da área da saúde

**Pesquisador responsável:** Ana Luiza Ferrer

**Instituição/Departamento e telefone:** Universidade Federal de Santa Maria – Centro de Ciências da Saúde / Departamento de Terapia Ocupacional, Prédio 26D. fone: 3220-9584

**Local da coleta de dados:** Universidade Federal de Santa Maria

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada “ Uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização, em situações de adoecimento, por estudantes de graduação da área da saúde”. O objetivo deste estudo é identificar e compreender a relevância do uso de plantas medicinais pelos estudantes, como alternativa a medicamentos em situações de adoecimento, produzir um questionário com os principais usos de plantas e o modo de preparo mais indicado e elaborar material bibliográfico com as principais espécies de plantas medicinais e seus usos, a fim de auxiliar os estudantes. Acreditamos que a pesquisa seja importante porque busca contribuir para a discussão e reflexão sobre o conhecimento dos estudantes da área de ciências da saúde da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, sobre o uso de plantas medicinais como alternativa a medicamentos em situações de adoecimento.

Se você aceitar participar, sua participação constará em responder uma entrevista direcionada aos estudantes de graduação do CCS da UFSM, com questões fechadas e abertas. Sua participação é opcional e você não terá nenhuma despesa pessoal para participar da pesquisa, também não receberá benefício financeiro, sendo assim sua participação é voluntária, o participante não terá nenhum tipo de benefício financeiro ou retorno direto. Será beneficiado de forma indireta pela devolutiva dos resultados após o término da pesquisa usufruindo do material bibliográfico gerado.

Ao responder a entrevista pode haver fadiga física e mental. A fim de amenizar os possíveis danos as perguntas foram respeitosamente elaboradas, caso ocorra desconforto durante a pesquisa, os participantes têm garantida a possibilidade de não aceitarem participar ou de retirarem sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. Ainda, se necessário, poderá ser feito encaminhamento aos órgãos de atenção ao estudante da UFSM que ofertam atendimento ao estudante, o Setor de Atenção Integral ao Estudante (SATIE), vinculado à Pró Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) e a Coordenadoria de ações educacionais (CAED). Fica, também, garantido o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

**O comitê de ética da UFSM está localizado no endereço:** Avenida Roraima, n. 1000, Prédio da Reitoria, 7º andar, Sala 763 – Cidade Universitária – Bairro Camobi – Santa Maria – RS. CEP: 97105- 900. **Telefone:** (55) 3220 9362 – **E-mail:** [cep.ufsm@gmail.com](mailto:cep.ufsm@gmail.com)

### Autorização:

Eu \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta do que foi descrito neste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar. Declaro ainda que estou suficientemente informado, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento.

Santa Maria, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário participante da pesquisa

## ANEXO C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

**Título do projeto:** Uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização, em situações de adoecimento, por estudantes de graduação da área da saúde.

**Pesquisador responsável:** Ana Luiza Ferrer

**Instituição/Departamento e telefone:** Universidade Federal de Santa Maria – Centro de Ciências da Saúde / Departamento de Terapia Ocupacional, Prédio 26D. fone: 3220-9584

**Local da coleta de dados:** Universidade Federal de Santa Maria

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, com questões voltadas ao estudo do campo da saúde mental nos cursos de graduação da área da saúde. Informam ainda que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que elas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, 97105-900 – Santa Maria – RS, prédio 26 D, Departamento de Terapia Ocupacional, sala 4017, gabinete da profa. Ana Luiza Ferrer, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade de Ana Luiza Ferrer. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 11/05/2022, com o número de registro Caae 58334122.0.0000.5346

Santa Maria, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

**Assinatura do pesquisador responsável**

**ANEXO D – MODELO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL CCS  
UFSM/AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**



Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável por \_\_\_\_\_ da UFSM, autorizo a realização do estudo " Uso de plantas medicinais como alternativa à medicalização em situações de adoecimento, por estudantes de graduação da área da saúde",, número de registro no GAP/Centro \_\_\_\_\_, a ser conduzido pelos pesquisadores: Ana Luiza Ferrer (Docente do Departamento de Terapia Ocupacional) e Giulha Deon Ferrarese (Discente de graduação em Terapia Ocupacional/ UFSM, matrícula: 201711253). O estudo só poderá ser realizado se aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Santa Maria, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

Nome, cargo e lotação  
(carimbo)